





# Festa do Sairé de Alter do Chão



Universidade Federal  
do Oeste do Pará

Presidência da República  
Dilma Vana Rousseff  
Ministério da Cultura  
Juca Ferreira  
Ministério da Educação  
Aloizio Mercadante

Instituto do Patrimônio Histórico e  
Artístico Nacional

Presidenta  
Jurema de Sousa Machado

Diretor do Departamento do  
Patrimônio Imaterial  
Vanderlei dos Santos Catalão

Diretor do Departamento do Patrimônio  
Material e Fiscalização  
Andrey Rosenthal Schlee

Diretor do Departamento de Planejamento e  
Administração  
Marcos José Silva Rêgo

Coordenadora-Geral de Identificação  
e Registro  
Mônia Silvestrin

Coordenadora-Geral de Salvaguarda  
Rívia Bandeira

Coordenadora de Identificação  
Sara Santos Morais

Coordenadora de Registro  
Diana Dianovsky

Coordenadora de Apoio à Sustentabilidade  
Natália Guerra Brayner

Superintendente do Iphan no Pará  
Maria Dorotéa de Lima

Coordenadora Administrativa  
Lucimar Florêncio de Souza Castro

Coordenadora Técnica  
Andréia Loureiro Cardoso

Supervisor Técnico  
Cyro Holando de Almeida Lins

Universidade Federal do Oeste do Pará

Reitora  
Raimunda Nonata Monteiro

Vice-Reitor  
Anselmo Colares

Pró-Reitor de Comunidade, Cultura  
e Extensão  
Thiago Vieira

Instituto de Ciências da Sociedade  
Jarsen Guimarães

Programa de Extensão Patrimônio  
Cultural na Amazônia

Coordenadora  
Luciana Gonçalves de Carvalho

Vice-Coodenador  
Florêncio Almeida Vaz Filho



Ministério da  
Cultura



PEPCA  
Proext/MEC



Ministério da  
Educação

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA



Inventário de Referências  
Culturais do Sairé

Coordenação

Luciana Gonçalves de Carvalho

Pesquisa

Saete Cardoso Tenório

Dayana dos Santos Farias

Dianne Marcele Araújo Cardoso

Floriene Colares Vaz

Igor Montiel Martins Cunha

Maria Eduarda dos Santos Chaibe

Mazzile Tavares Rodrigues

Rosana Farias Mascarenhas

Samara Stragliotto Jambers

Tatiana Amaral da Silva

Thamila da Silva Moura

Vanessa Ferreira Carvalho

Produção editorial

Edição e texto

Luciana Gonçalves de Carvalho

Auxiliares de edição

Vanessa Ferreira Carvalho

Carlos Bandeira Júnior

Rosana Mascarenhas

Fotografia

Carlos de Matos Bandeira

Carlos Bandeira Júnior

Cláudia Seixas

Projeto gráfico e diagramação

Avellar e Duarte Serviços Culturais

Revisão de texto

Fernanda Silveira

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/

F418f

Festa do Sairé de Alter do Chão / Luciana Gonçalves de  
Carvalho – coordenadora, fotos de Carlos de Matos Bandeira,  
Carlos de Matos Bandeira Júnior e Cláudia Seixas. Santarém:  
UFOPA, 2016.  
160 fls. : il.

ISBN - 978-85-65791-21-2

Livro resultante do Projeto Inventário de Referências  
Culturais do Sairé (cooperação en-tre Instituto do  
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Universidade  
Federal do Oeste do Pará). Financiamento IPHAN; PROEXT/  
MEC 2015-16.

1. Festa do Sairé – Alter do Chão. 2. Patrimônio cultural  
imaterial. 3. Cultura popular. 4. Santarém – Pa. I. Carvalho,  
Luciana Gonçalves de, coord. II. Título

CDD 23 ed. 793.3198115

Bibliotecário – Documentalista: Eliete Sousa – CRB/2 1101

*Folha de rosto*  
*Símbolo do Sairé.*  
*Foto: Claudia Seixas, 2011*

*Página 5*  
*Saraipora, moças-da-*  
*fita e troneira na*  
*busca dos mastros.*  
*Foto: Carlos Matos, 2012*

*Retirada da bandeira*  
*no derrubamento*  
*dos mastros.*  
*Foto: Carlos Matos, 2012*



# Sumário

Prefácio.....	10
Apresentação .....	14
Introdução.....	18
Trajectoria.....	30
Narrativas de origem .....	30
Retomada e recriação .....	37
Novas formas de celebrar .....	47
Alter do Chão .....	54
Mapa da festa.....	64
A hierarquia festiva.....	72
Capitão .....	74
Alferes .....	75
Saraipora .....	76
Moça-da-fita.....	76
Troneira .....	78
Juiz e juíza.....	79
Procurador e procuradeira .....	80
Rezadeiras .....	81
Mordomos e mordomas.....	83
Foliões.....	83
Grupo Espanta Cão .....	84

<b>Ciclo festivo .....</b>	<b>86</b>
Busca dos mastros/ tiração dos mastros .....	86
Abertura da festa/ levantação dos mastros .....	98
Rito religioso.....	108
<i>Cecuiara</i> .....	111
Encerramento da festa/varrição/ derrubação dos mastros.....	113
<b>Os ritmos da festa.....</b>	<b>122</b>
Ladainhas e folias.....	124
Pai-Nosso e Ave-Maria.....	128
Músicas e danças .....	128
Brincando de Sairé .....	129
Camelu .....	130
Carimbó.....	130
Cheiro do Sairé .....	131
Cordões de pássaros.....	132
Cruzador Tupi .....	132
Curimbó .....	134
Dança do tipiti .....	135
Desfeiteira .....	135
Lundu .....	137
Marabaixo .....	137
Marambiré.....	137
Quebra macaxeira.....	138
Valsa da ponta do lenço.....	139
<b>Festival dos Botos Tucuxi e</b>	
<b>Cor-de-Rosa .....</b>	<b>140</b>
Os quesitos em julgamento .....	144
<b>Considerações finais .....</b>	<b>154</b>
<b>Referências .....</b>	<b>158</b>

# Prefácio

**E**ste *Festa do Sairé de Alter do Chão*, organizado por Luciana Carvalho, é uma multinarrativa que amplifica, para reflexão e deleite estético, a compreensão de um dos jeitos de viver da permanente formação sociocultural da Amazônia. Articulam-se aqui viveres e saberes locais entrelaçados a conhecimentos acadêmicos: cosmologias indígenas, religiões, arte, filosofias, antropologia, sociologia, comunicação, arqueologia etc. Na sua beleza e elegância, esta multinarrativa nos instiga a pensar sobre os resultados de uma criteriosa observação/investigação que ultrapassa o limite da sua finalidade institucional.

Luciana e uma equipe de pesquisadores cumpriram com êxito o propósito de inventariar os bens imateriais de uma das mais antigas manifestações culturais da Amazônia paraense. Agora, não será mais por carência de fundamentação teórica nem por falta de legitimação social que a festa do Sairé não venha a ser reconhecida como patrimônio cultural do Brasil.

Esta obra só confirma que a Amazônia é pluricultural: um espaço onde malocas, lugarejos, vilas, cidades e metrópoles se entrecruzam no vaivém das suas gentes e seus afazeres, visões de mundo e mundos de visão. Assim, para conhecê-la, reconhecê-la e/ou compreendê-la não basta somente perícia, paciência, estratégia, tática, meta e tantas outras instruções que, geralmente, podem ser transferidas para pilotagem automática. Para deixarem-se desvendar, as amazônias de mil entradas e saídas exigem, acima de tudo, sentidos que percebam o murmurar das chuvas; a correnteza e a sinuosidade dos rios; o esvoaçar da floresta; o movimento da vida entre o cosmo e o caos. Então, melhor mesmo é pensar a Amazônia por meio da sua multidimensionalidade.

*Coroa do Divino.  
Foto: Carlos Matos, 2012*



Nesse contexto, Festa do Sairé de Alter do Chão também esclarece que o (pré) conceito não é uma boa companhia para aqueles que se aventuram pela profundidade das relações ecossocioculturais das amazônias. Afinal, não há uma ciência, um saber ou uma linguagem que, isolados, não possam vir a se esvaír diante da sua complexidade ecossistêmica, perspectiva teórica que reconhece o entrelaçamento complementar, concorrente e antagônico entre os seres vivos, entre os quais os humanos e seus ambientes.

Nesta leitura, pode-se reconhecer que as várias entradas e saídas da Amazônia plural refletem a inconstância das culturas que se misturam como se tecem as copas das árvores ou como se encontram as águas do Tapajós e do Amazonas. As festas certamente são uma dessas entradas. Elas nos oferecem a possibilidade de tocarmos a alma das pessoas nos seus momentos mais sublimes, em que ordinário e extraordinário, objetivo e subjetivo, fé e razão, natureza e cultura, real e imaginário e tantas outras dualidades, antes franjas realçadas, são desfeitas. Ou seja: este é um livro que informa e gera conhecimento com prazer de leitura.

Nas suas páginas pulsa a leveza de uma composição multieditorial – ou um hipertexto cultural – que harmoniza design, texto, iconografias, gráficos e fotografias. São linguagens que se entremeiam em favor da compreensão

ampliada da festa do Sairé, que hoje também se espalha pela religião, pelo espetáculo midiático, pelo turismo e pelas diversas mobilizações ecossocioculturais contemporâneas. Desta feita, as mais de cem fotografias distribuídas ao longo destas páginas não servem apenas para estimular algum olhar furtivo e apressado; são, sim, imagens que traduzem, nos diversos retratos das atividades do Sairé, épocas e momentos da formação ecossociocultural das amazônias. Uma formação com raízes nas culturas étnicas autóctones e nas culturas invasoras/colonizadoras, como se pode perceber e interpretar nos elementos peça icônica que dá nome a festa.

O Sairé merece esse empreendimento intelectual compartilhado entre pesquisadores e seus realizadores. Afinal, trata-se de uma festa de origem comunitária que já atravessou mais de três séculos. Persistiu acima de tudo. Como explicar, por exemplo, que essa festa esteve interdita por 30 anos pela Igreja Católica e veio a renascer, na década de 1970, com vigor impressionante? Por que o Sairé persiste somente em Alter do Chão, quando já foi endêmico em quase toda a Amazônia? Respostas a essas e outras perguntas não serão, certamente, obtidas de forma direta e automática, mas podem vir a se manifestar no semblante sublime das devotas religiosas ou na alegria incomensurável dos brincantes do Boto Tucuxi e do Boto Cor-de-Rosa.

Imerso nesta leitura ampliada, imagino que a festa do Sairé de Alter do Chão deixou-se fluir no compartilhamento das várias linguagens

e formas de se expressar ao longo da sua existência. Não teria chegado aos dias atuais se não tivesse se hibridizado nos fluxos culturais amazônicos. Aliás, o Sairé nasce do entrelaçamento das visões de mundos dos invasores/colonizadores e das cosmovisões dos indígenas amazônicos. O fato de se manter até hoje – e mais ainda por ter sido resgatado depois de 30 anos de interdição – diz muito da sua importância simbólica para os moradores de Alter do Chão particularmente, e sobre o quanto foi obscurecido pelo imaginário europeu em outras localidades.

Como contextualizado muito bem neste livro, o Sairé não é apenas uma brincadeira para turista ver ou mais um evento para consumo midiático. É, acima de tudo, um fenômeno

cultural que mobiliza a memória, a história, o imaginário, a estética e a ética de uma comunidade enraizada na Amazônia imemorial. Pode-se constatar que a festa do Sairé reaviva, por meio das suas multinarrativas e de modo inclusivo, a existência dos povos amazônicos autóctones vítimas de permanentes etnocídios. Sem ela, os Borari e outras etnias do Tapajós e médio Amazonas – e suas culturas – permaneceriam nas páginas empoeiradas dos livros.

Por fim, uma leitura edificante!

*Wilson Nogueira*

Pesquisador PNPd/Capes e Professor  
do PPGCCOM/Ufam

# Apresentação

**E**sta publicação resulta de parceria entre a Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), via Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia (Pepca), e a comunidade de Alter do Chão, por meio de representantes de grupos produtores da festa do Sairé. Esses grupos propuseram à universidade apoio técnico para apresentar ao Iphan o pedido de registro dessa celebração como patrimônio cultural brasileiro.

Celebração ao Divino Espírito Santo, cuja origem remonta ao período colonial, o Sairé reúne, conforme sintetizado na “Introdução”, “formas tradicionais e contemporâneas de expressão oral, musical, dramática e coreográfica, frequentemente designadas como folclóricas, mas também inspiradas em inovadores espetáculos de massa”.

O livro agrupa e organiza informações da fase de levantamento preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais do Sairé (INRC-Sairé), por meio de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo com entrevistas e observações. Apresenta um pouco da trajetória do

Sairé ao longo do tempo, revelando estratégias da população detentora de tais saberes, para trazer à tona e reinventar a manifestação que permaneceu por 30 anos (1943-1973) “adormecida”, mas em estado latente.

A parceria com a Ufopa possibilitou associar uma experiência de trabalho de campo com políticas públicas e práticas institucionais voltadas para a identificação, preservação e promoção do patrimônio cultural imaterial brasileiro. Propiciando a pesquisa e a extensão acadêmicas, abriu perspectivas para os alunos aplicarem o aprendizado de sala de aula nas atividades com a comunidade de Alter do Chão.

A iniciativa possibilitou, além da realização do INRC-Sairé, uma valiosa troca de experiências e de conhecimentos entre alunos e comunidade por meio de oficinas de transmissão

*Busca dos mestros.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*





de saberes associados à celebração e de atividades interativas. Tudo isso contribuiu não só para salvaguardar esses saberes, mas também para desenvolver a capacidade crítica e a reflexão dos grupos sociais envolvidos (e dos próprios alunos) sobre uma realidade que muitas vezes é a deles também, e que pode ser transformada.

As estratégias dos grupos detentores do Sairé perpassam por alianças e rompimentos com o Estado e com a Igreja Católica na persistência e na resistência para manter a festividade e o controle sobre ela. Mas vão além, buscando alternativas que, concomitantemente, mas também contraditoriamente, viabilizem mais divulgação e estrutura para o evento com o consequente retorno financeiro para a comunidade. No entanto, essa divulgação deve acontecer de forma associada à preservação da festa, que,

para alguns deve ser mantida tal qual foi transmitida pelos mais antigos: “fiel” às suas origens e aos seus sentidos e significados; para outros, assimilando as inovações.

Para além da possibilidade de reconhecimento de um bem como patrimônio cultural brasileiro, o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), instituído através do Decreto nº 3551/2000, ora concretizado na iniciativa da produção deste livro, dá voz a grupos e comunidades, contribuindo para que se apropriem de forma crítica e reflexiva das políticas de valorização de seu patrimônio cultural. Busca ainda propiciar as condições necessárias para que possam decidir sobre suas práticas culturais e os rumos que elas devem tomar, avaliando coletivamente qual a melhor forma de serem produzidas, reproduzidas, difundidas e transmitidas às novas gerações.

# Introdução

**A** celebração do Sairé é uma das mais antigas da Amazônia, contabilizando pelo menos três séculos de existência. Ao longo desse período, registros históricos atestaram a realização de diferentes comemorações do Sairé em diversos locais no norte do Brasil, embora só perdure até hoje no distrito de Alter do Chão, no município de Santarém, oeste do Pará. Por circunstâncias históricas e socioculturais insuficientemente conhecidas, os festejos caíram em desuso no Amapá e no Amazonas e até mesmo em outras localidades do Pará (BOYER, 2008; PEREIRA, 1989; RODRIGUES, 2009).

Segundo relatos de viajantes e missionários, a festa do Sairé em Alter do Chão possivelmente originou-se como uma espécie de alegoria da chegada e fixação dos colonizadores portugueses. Frades jesuítas teriam aproveitado o evento como contexto para a catequização dos índios Borari que habitavam Alter do Chão (REIS, 1979), resultando dessa

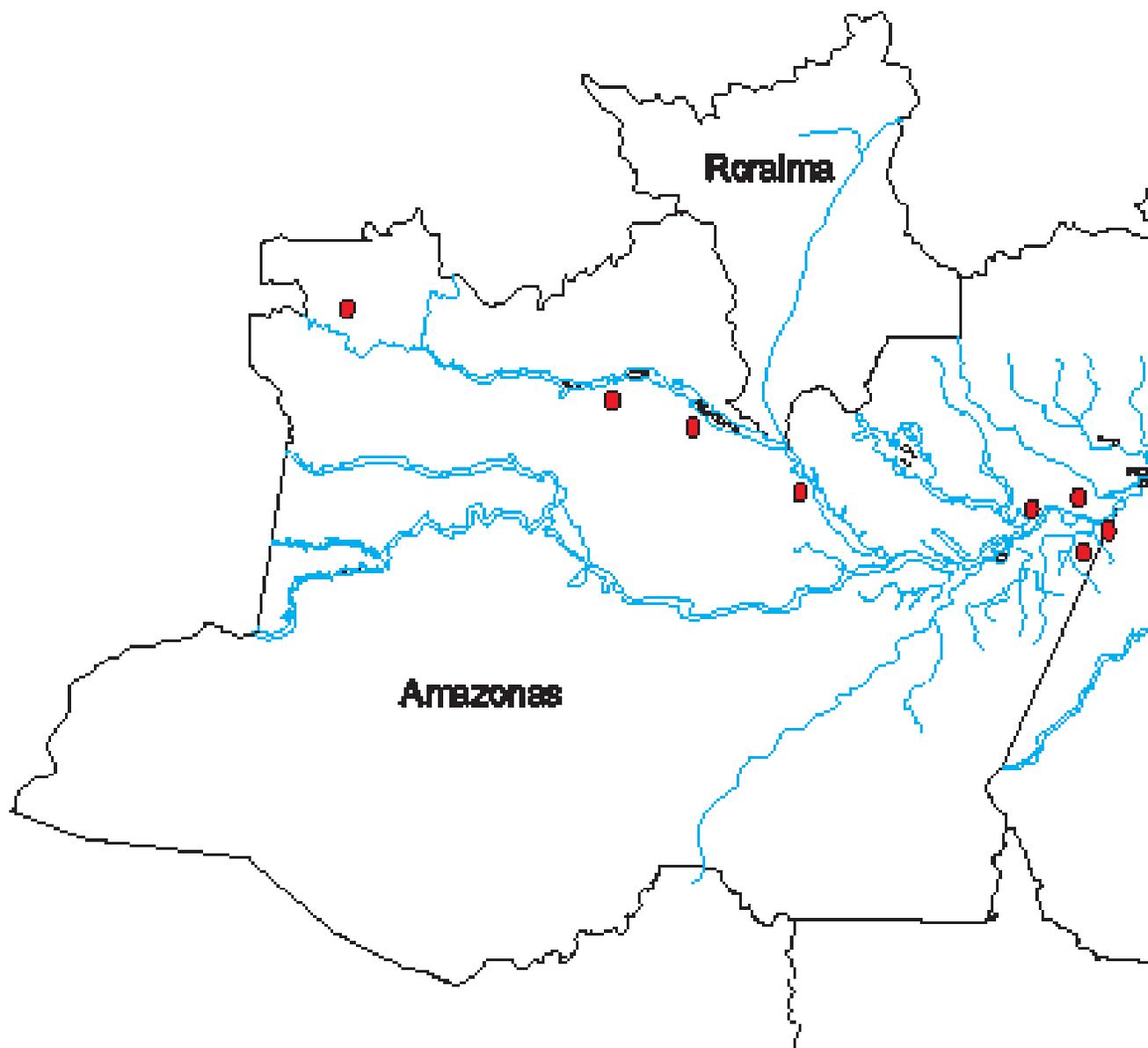
intervenção uma composição festiva mesclada de elementos católicos com ritos nativos, não necessariamente de natureza religiosa. Informou Barbosa Rodrigues:

Além da dança e do canto festivo, tem os tapuios no dia de alguma festa religiosa, como de S. Tomé, S. João ou Santo Antônio, Santa Rita, um canto, antes uma saudação religiosa, introduzida n'estas festas pelos missionarios e chamada Sairé ou Turyua (RODRIGUES, 1890, p. 279).

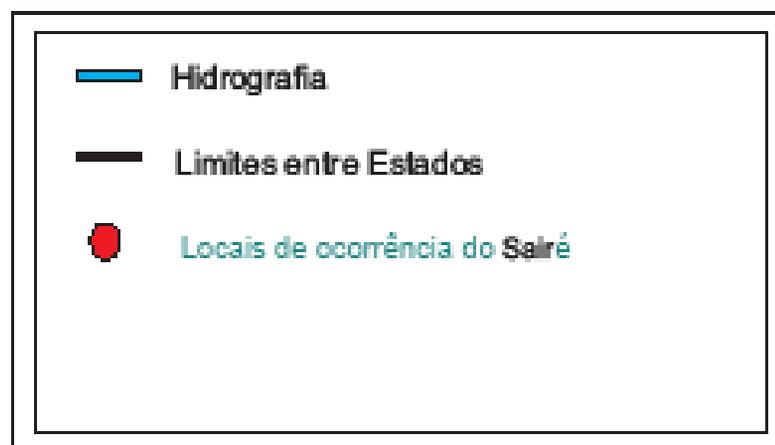
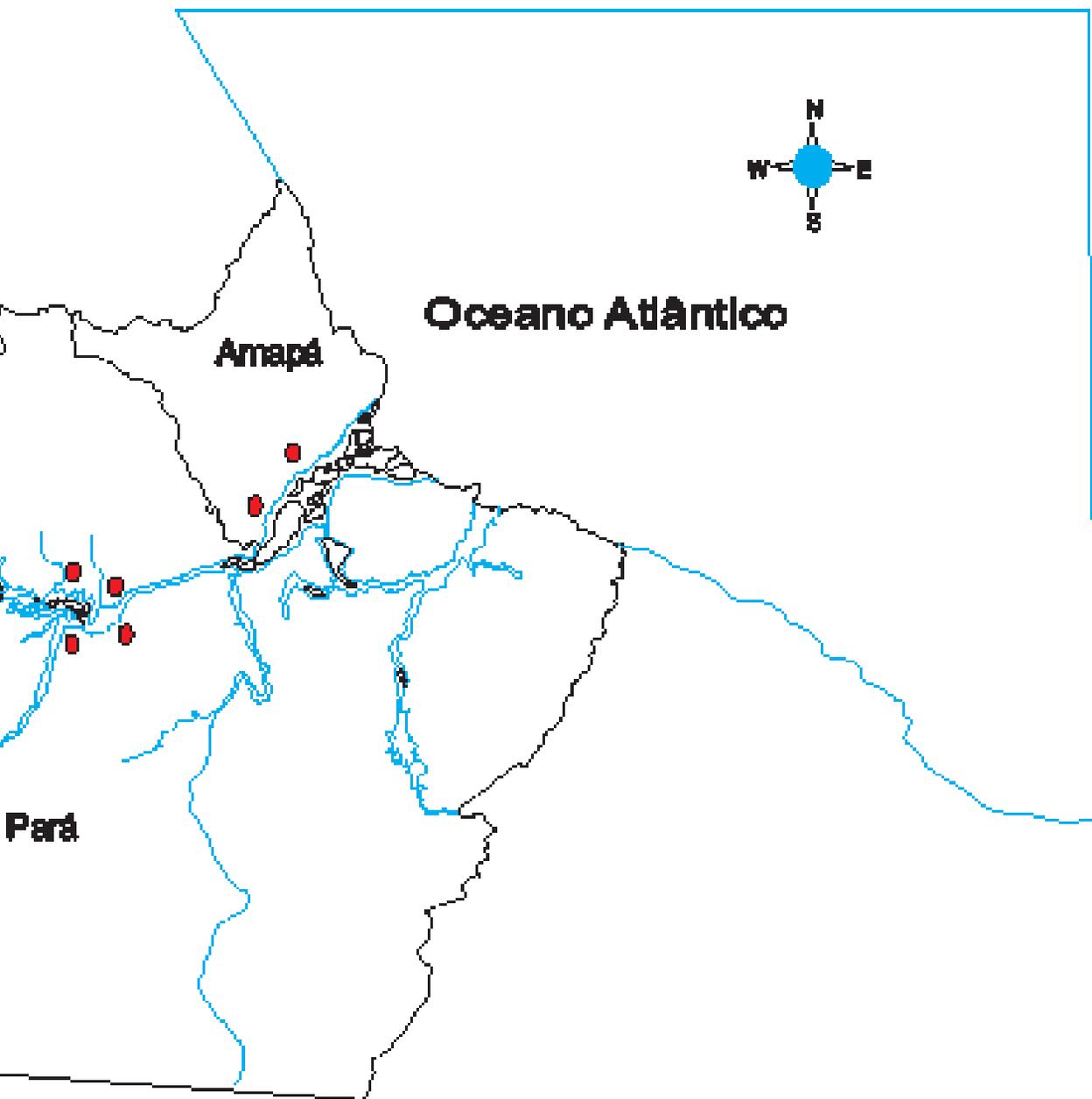
Dessa perspectiva, tão bem-sucedidos parecem ter sido os amálgamas simbólicos operados no Sairé que Antônio Cândido a considerou como o “caso mais interessante de festas e danças originadas no processo da catequese pelo

*(À direita, no alto e embaixo) Coleção particular Iure Dias*





*Ilustração reproduzida a partir de  
Áreas de Distribuição Geográfica das Danças  
Sahiré e Marabaixo (NUNES PEREIRA, 1989)*



Ver letra



encontro das duas culturas” (CÂNDIDO, s/d, p. 49). Assim, as trocas interétnicas e interculturais entre europeus e indígenas constituiriam a marca primeira do hibridismo cultural que caracterizaria a festa do Sairé de Alter do Chão.

Talvez a própria continuidade histórica dessa festa se deva à sua capacidade de se transformar e amalgamar referências simbólicas heterogêneas. Ao longo de toda a sua trajetória, ela passou por mudanças significativas. Para começar, a grafia do nome já foi alterada diversas vezes com base em justificativas linguísticas, históricas, étnicas e políticas, alternando-se entre Sairé e Çairé. A data da celebração também foi trocada mais de uma vez: de janeiro, quando se associava às homenagens à padroeira de Alter do Chão, passou para junho, julho e, na década de 1990, para setembro, em função do calendário turístico da região.<sup>1</sup> Na mesma época, incorporou em sua programação um festival que envolve a apresentação de duas agremiações de botos,<sup>2</sup> que disputam o título de campeã do ano. Com o crescimento do público após a novidade, o Sairé foi transferido para uma praça mais ampla com estrutura especialmente montada para

<sup>1</sup> Setembro é mês de sol e estiagem na região. Em Alter do Chão, a seca do rio Tapajós propicia o aparecimento de muitas praias de areia e águas claras, que são um grande atrativo para turistas.

<sup>2</sup> Grupos folclóricos que participam do Festival dos Botos durante a festa do Sairé em Alter do Chão.

a festa, onde também ocorrem apresentações de grupos de músicas e danças folclóricas. A festa superou os 30 anos de interrupção em Alter do Chão, devido a restrições da Igreja Católica a partir de 1943. Quatro décadas depois de voltar a ser realizada, desde 1973, assumiu o porte de maior e mais importante evento do calendário festivo da região oeste do Pará.

A celebração do Sairé em Alter do Chão, constitui um exemplo claro do hibridismo que caracteriza muitas manifestações culturais na Amazônia contemporânea. Trata-se de uma festa do Divino Espírito Santo que ocupa lugar de destaque na cena cultural regional e alcança crescente visibilidade em contextos mais abrangentes. Atualmente ela associa e articula, em múltiplos planos expressivos, ritos do catolicismo popular com formas tradicionais e contemporâneas de expressão oral, musical, dramática e coreográfica, frequentemente designadas como folclóricas, mas também inspiradas em inovadores espetáculos de massa.

As contínuas transformações e hibridizações da festa do Sairé parecem resultar de um esforço constante de recriação consciente das tradições festivas locais. No bojo das sucessivas mudanças e dos amálgamas que protegem os elementos considerados estruturantes da celebração, a comunidade local se une para fazer a festa, inovando a cada ano, mas preservando-a, de certa forma, conforme a descrição de Barbosa Rodrigues:



Esta é uma espécie de procissão de mulheres em que carregam o instrumento que tem o mesmo nome de *çairé*. Não faz por si a festa, mas, como disse, entra como uma saudação. A procissão dirige-se à Igreja, à casa do Juiz da festa, à do Vigário etc., e ahi as palavras da saudação não são as mesmas e sim próprias a quem se dirigem. [...] Quando festeja-se algum santo, por alguma promessa, levantam em casa um altar, onde collocam a imagem milagrosa, aos pés da qual fica o *çairé*. Preparam junto á casa uma grande *ramada*, isto é, uma grande palhoça, onde é servido o jantar aos convidados e fazem-se as dansas. Dias antes da festa preparam grande quantidade de *tarubá* ou *mukururú*, que é a alma da festa. Si a ladainha, que sempre

Beija-fita.  
Foto: Claudia Seixas, 2011

acompanha estas promessas, é feita na Igreja, o *çairé* sáe de casa, em procissão, e se dirige para o templo (RODRIGUES, 1890, p. 279-280).

Atualmente organizada em torno de dois espaços principais — o barracão (ligado aos ritos ditos “religiosos”) e o Lago dos Botos (arena de espetáculo) — a festa é capaz de congregar públicos tão diferentes quanto modos distintos de celebrar. As diversas formas de participação dos indivíduos na celebração desafiam qualquer

dicotomia entre tradição e criação, ou entre sagrado e profano — muito embora esses adjetivos sejam usados pelos próprios participantes para qualificar as atividades desenvolvidas no barracão e no Lago dos Botos, respectivamente.

A festa contemporânea transita, assim, entre a memória e a inovação cultural. Preocupados com a continuidade e a visibilidade dos ritos do barracão diante do fluxo de mudanças aceleradas pelo alcance midiático do espetáculo dos botos, indivíduos e grupos locais

passaram a alimentar, nos últimos anos, a expectativa de titulação da festa do Sairé de Alter do Chão como patrimônio cultural do Brasil. Em defesa dessa proposta, acionam narrativas de origem, enfatizando a antiguidade e a permanência histórica da festa, bem como sua riqueza expressiva e sua importância na formação da identidade cultural local.

A expectativa alimentada se apoia no que a Constituição Federal de 1988 dispõe no artigo 216: “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”, entre os quais indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outros

*Ensaio de grupo de dança  
no Lago dos Botos.  
Foto: Alexandre Rocha, 2012*



que contribuem para a imensa diversidade étnica e cultural deste país.

Com base nessa definição, o Decreto nº 3.551/2000 instituiu o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI), apresentou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) como instrumento metodológico para abordagem diferenciada dos bens culturais imateriais e criou o instituto do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial como patrimônio cultural brasileiro. Só a partir de então, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), fundado em 1937, passou a dispor de mecanismos especificamente voltados para a preservação do patrimônio cultural dessa natureza.

O PNPI fomentou uma série de projetos de inventário, registro e apoio a bens do patrimônio cultural de várias partes do Brasil, envolvendo órgãos públicos e grupos organizados da sociedade civil. O modelo de inventário utilizado pelo Iphan,<sup>3</sup> o INRC, compõe-se de formulários padronizados e organizados a partir das categorias celebrações, lugares, saberes, formas de expressão e edificações. Ele tanto subsidia os processos de registro com informações e documentos, como se constitui em um processo de diagnóstico do patrimônio e de projeção de ações que visem à sua preservação. O registro é um ato institucional de natureza declaratória que determina a inscrição do bem cultural em um dos quatro livros do patrimônio imate-

rial do Iphan: Livro dos Saberes, Livro dos Lugares, Livro das Formas de Expressão e Livro das Celebrações.

Por fim, as ações de apoio visando à garantia das condições sociais e objetivas para a preservação do patrimônio cultural imaterial se efetivam na forma de planos de salvaguarda, que são projetos e planos de trabalho executados pelos grupos interessados de produtores e detentores dos bens culturais em questão, em conjunto com o Iphan.

O acionamento desse conjunto de mecanismos voltados ao patrimônio cultural imaterial pressupõe necessariamente a participação de comunidade(s) ou grupo(s) interessado(s), além do corpo técnico do órgão de patrimônio e de eventuais parceiros. A participação pode ocorrer de muitas maneiras e em diferentes medidas, dependendo da disponibilidade e do tipo de organização e articulação da comunidade em questão. Quaisquer grupos formais ou informais que se identifiquem e/ou sejam identificados como produtores/detentores de um bem cultural, assim como instituições que colaborem com esses grupos e tenham sua anuência, podem formular a demanda de ações de patrimonialização aos órgãos responsáveis.

No caso deste trabalho, representantes legais de grupos produtores da festa do Sairé apresentaram ao Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia (Pepca), da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa),

<sup>3</sup> Mediante autorização do órgão e anuência dos sujeitos cujas expressões se pretende inventariar, pode ser usado por instituições públicas ou privadas para fins de pesquisa, identificação e documentação do patrimônio imaterial brasileiro.

a demanda de apoio técnico para a formulação de um possível pedido de registro dessa celebração junto ao Iphan. Entendendo que a festa do Sairé de Alter do Chão apresenta um verdadeiro mosaico de bens passíveis de ações de patrimonialização, mas que é preciso identificar exatamente o que a comunidade pretende registrar, foi proposta aos grupos e ao Iphan a realização preliminar do Inventário de Referências Culturais do Sairé. O objetivo principal desse projeto seria produzir conhecimento sobre a festa e

compreender seus significados para a comunidade, a fim poder formular e qualificar o objeto de um eventual pedido de registro ao Iphan.

Partiu-se do reconhecimento público local de que a festa do Sairé de Alter do Chão faz parte do patrimônio cultural de Santarém, ao mesmo tempo que remete à memória e à identidade de diversas comunidades amazônicas. De fato, ela mobiliza diferentes gerações de festeiros que se distribuem por vários núcleos festivos, transitando em domínios complexos que traduzem simultaneamente sacralidade, sociabilidade e espetáculo. O simples fato de coexistirem tantos modos distintos de participação e experiência na festa do Sairé, já a configuraria como um vastíssimo campo de estudo, caro ao interesse antropológico.

*Ritual indígena.*

*Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012*



Porém, diante dessa diversidade de modos de festejar, se constatou que apenas o inventário não atenderia às demandas de valorização das práticas e expressões dos grupos que têm atualizado a festa em meio a transformações próprias da dinâmica sociocultural em Alter do Chão. Entre as expectativas de uma parte significativa da comunidade festeira em relação ao registro, destacava-se a de que o próprio processo de patrimonialização reforçasse expressões consideradas estruturantes e tradicionais, que, segundo determinados grupos, têm perdido espaço para outras expressões que se agregaram à celebração nas últimas décadas.

Assim, além de realizar pesquisa e documentação para produzir os formulários exigidos pelo INRC para auxiliar a comunidade

*Enfeite da Coroa do Divino.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*

local na busca do registro da festa, fazia-se necessário contribuir para a própria salvaguarda de expressões culturais singulares da celebração – identificadas pelos festeiros como ameaçadas ou em vias de se perder. Dentro do que se faz possível no universo acadêmico, o INRC-Sairé propôs medidas de apoio direto à comunidade e produção de materiais de difusão cultural, integrando, desse modo, as esferas de pesquisa e extensão da universidade.

Oficinas projetadas por representantes da comunidade foram ministradas por moradores e festeiros experientes visando ao repasse de saberes e práticas orais, musicais e coreográficas tradicionais. Um CD do grupo Espanta Cão, composto por foliões da festa, foi gravado e distribuído na comunidade e em instituições de ensino e pesquisa, com a finalidade de difundir a musicalidade própria da localidade e associada ao Sairé. Produziram-se alguns banners informativos sobre a festa para uso dos grupos locais em oportunidades que julguem pertinentes. Por fim, eis o presente livro de fotos e textos produzidos no projeto, que pretende apenas dar ao leitor a oportunidade de conhecer e apreciar um pouco a festa do Sairé de Alter do Chão.



*Seu Geraldo, folião.  
Foto: Carlos Matos, 2012*



### Hino do Çairé

Composição de Oscar Lobato, Aparício Garcia e Terezinha Lobato

Viva, viva o Çairé  
Salve, salve Alter do Chão  
Festejando no mês de junho  
O folclore de tradição

O Çairé era símbolo de fé  
Dos índios em comunidade  
Representando as três pessoas  
A Santíssima Trindade

A festa do nosso Çairé  
Atraindo muitos visitantes  
É um escudo ornamentado  
Com cores deslumbrantes

Esta festa era celebrada  
Por nossos antepassados  
Esquecida há 30 anos  
Volta agora a ser lembrada

# Trajectoria

## Narrativas de origem

A trajetória da festa do Sairé em Alter do Chão é longa e complexa, requerendo mais investigações sobre as condições de desenvolvimento e transformação da manifestação no decorrer dos séculos. Possivelmente, além de gerar informações mais precisas sobre a história da festa realizada no rio Tapajós, o aprofundamento de pesquisas sobre o tema ajudaria a esclarecer aspectos mais gerais da formação e das transformações culturais na Amazônia. O próprio etnólogo e folclorista Nunes Pereira, que realizou pesquisa de campo em Alter do Chão, encontrou aí dados que

[...] se não nos autorizam a dar essa localidade como berço da ideia do Sairé, amparam-nos, porém, ao afirmarmos que foi aquela antiga aldeia de índios a paisagem mais propícia à sua

objetivação. É fato que ele dali se irradiou para a antiga Pinsonia, para o Amazonas e para o Solimões acima, até o rio Negro (PEREIRA, 1989, p. 69).

A festa do Sairé de Alter do Chão é objeto de diferentes narrativas fundacionais. Em alguns relatos, sua origem está associada com uma espécie de alegoria da chegada e fixação dos colonizadores portugueses no rio Tapajós. Para outros cronistas, teria sido criada pelos jesuítas a fim de auxiliar na catequese dos indígenas. Apesar das divergências, o que parece persistir como traço comum dos relatos é a recorrente referência às relações ambivalentes entre indígenas Borari e europeus como experiências constitutivas da festa (REIS, 1979).

*Coleção particular  
Iure Dias*



Nunes Pereira coligiu uma série de referências ao “Sahiré”, identificando como “a mais remota” entre elas a que fez o missionário João Daniel, que esteve na Amazônia entre 1741 e 1757, e o descreveu como um festejo de crianças:

Consiste o sairé em uma boa quantidade de meninos, todos em fileira atrás uns dos outros com as mãos nos ombros dos que lhe ficam adiante, em três, quatro ou mais fileiras; e na vanguarda anda um menino, se a dança é de ascânios, dos mais altos, ou menina, quando o sairé é de hembras, das mais taludas pegando com ambas as mãos nas bases de um meio arco, o qual em várias travessas está enfeitado com algodão, flores, e outras curiosidades [...] Nas missões em que ainda conservam o seu sairé, o fazem já com mais galantaria, porque o ornam, e o adornam com o enfeite de boas fitas de diversas cores, e lindas plumagens, espelhos, e vários outros adornos; e ao seu compasso entoam, e cantam devotas cantigas, ou aos Santos, ou em abono dos juízes da festa, que algumas vezes vão no couce da procissão muito à grave, isto é, atrás do sairé rodeados dos mordomos (DANIEL apud BRAGA, 2007, p. 65).

Alter do Chão era, na época da visita do padre, a missão de Nossa Senhora da Purificação, que fora implantada em 1661. De acordo com relatos dos missionários, os Borari que ali viviam já realizavam o Sairé, e os cate-

quistas não impediam o ritual. Ao contrário, estimulavam-no, conferindo a ele características peculiares.

Como qualquer civilização indígena, os Borari realizavam rituais festivos ao som de batuques, danças, comidas e bebidas. As crianças, em círculos, imitavam a dança dos adultos, seguras nos ombros umas das outras, não muito diferente do que ocorria em outras nações indígenas, numa espécie de confraternização e celebração de exaltação à natureza. [...] Analisando aquele movimento ritualístico, a chegada do Pe. Antônio Vieira a Santarém e as escassas literaturas a esse respeito, chega-se à conclusão de que nesse momento (1659) houve oficialmente o nascimento do Çairé (FERREIRA, 2008, p. 67-68).

Vale a pena chamar a atenção para a importância das missões religiosas na vida cultural dos povos nativos. Elas foram instaladas em vários lugares da Amazônia desde 1659, quando o padre Antônio Vieira visitou a região e começou a enviar-lhe diversas incursões jesuíticas para catequização dos indígenas. As missões, de modo geral, e as jesuítas, em especial, operaram transformações profundas nas sociedades regionais, configurando um processo peculiar da colonização europeia.

*Reprodução de anotação  
de Barbosa Rodrigues  
(NUNES PEREIRA, 1989)*

# CAIRÉ

Pe-ca-çu lin-ga u - uie Pe-ca-çu  
lin-ga u - uie Ur-are me-a-pé yu-ru pe Ya-né y-  
ara Tu - pa-na re-un - de Ya-né sa - ra Tu - pa - na  
de  
Ya - no - çain mu-çaia pu - lyra, vá mu-  
çain mu-çain pu - lyra Ora - torio  
ara ru - pi Ora - torio ara ru - pi.  
Ya-né y - ara Tu - pa-na va-pe-ca-uz pu - pé

Elas têm objetivos próprios: a propagação da fé, os interesses da Igreja ou das ordens respectivas, não importa; mas objetivos que, pelo menos nos métodos adotados pelos padres, forçados a isso pelas circunstâncias ou não, se afastam e até muitas vezes contradizem os objetivos da colonização leiga (PRADO JR., 1999, p. 91).

Para Edilberto Ferreira,<sup>1</sup> a ação jesuítica em relação à celebração foi “um ordenamento metódico de catequização dos aborígenes, [...] uma forma fácil que encontraram os portugueses de converter aquele povo à sua religião e crença em seus deuses” (FERREIRA, 2008, p. 68). Com efeito, diversos estudos argumentam que a liberalidade com que tratavam as festas e rituais indígenas constituiu uma estratégia poderosa que os jesuítas usaram na catequese e colonização dos nativos.

A utilização da dança nas suas mais variadas formas foi adotada pelos jesuítas como um recurso pedagógico no exercício da catequese junto aos nativos. O uso desse recurso assim como do teatro, do canto e da música sempre fez parte dos ensinamentos da Companhia de Jesus, desde os primeiros contatos com os índios no Brasil. A estratégia era aproximar os ensinamentos cristãos às festas e rituais, o que na visão dos religiosos facilitaria o processo de aprendizagem dos preceitos religiosos e educativos (DIAS, 2014, p. 14-15).

Pouco após o padre João Daniel presenciarem o Sairé, as missões jesuíticas foram extintas no Pará, em 1759, sob as ordens do Marquês de Pombal. Mesmo assim, a influência dos missionários no Sairé foi notada por Rodrigues mais de um século depois, ao afirmar: “É o Çairé a última tradição do tempo das missões dos Padres de Jesus” (RODRIGUES, 1890, p. 282).

No século XIX outros autores também fizeram registros do Sairé, entre eles: o major Alfredo Ladislau Baena, em 1839; o geógrafo José Afonso de Moraes Torres e o oficial da Marinha Lourenço da Silva Araújo Amazonas, em 1852; o autor F. G. de Amorim, em 1856; o naturalista Henry Bates, em 1863; o viajante Herbert Smith, em 1879; e o escritor José Veríssimo, em 1896. Desde então, a festa do Sairé de Alter do Chão tem sido registrada e analisada por pesquisadores de várias áreas de conhecimento como história, antropologia, literatura, música, teatro e educação, entre outras.

As diversas produções relativas ao tema evidenciam que o próprio termo “sairé” é polissêmico e polêmico. É polissêmico porque nomeia fatos de naturezas distintas: ora a festa, a dança, a procissão ou até mesmo o símbolo que nela é empunhado por “três índias velhas” (BATES apud PEREIRA, 1989, p. 18). Com frequência isso causa alguma confusão na compreensão do sentido em que o termo é usado a cada contexto.

*Salve! Tu o dizes* seria o significado da saudação *Sairé*, enunciada pelos nativos quan-

<sup>1</sup> O autor é nativo da comunidade de Alter do Chão e participa intensamente da festa do Sairé, sobre a qual publicou livros e trabalhos acadêmicos.

do adentravam o círculo da dança ritual. *Sairé* designaria também o instrumento supostamente criado pelos missionários: um arco feito de cipó em forma de semicírculo enfeitado com fitas coloridas, que as mulheres carregavam à frente da procissão. Assim, passou a nomear também a própria manifestação. De acordo com Ferreira (2008), o uso do termo *Sairé* como saudação teria sido abandonado ao longo do processo colonizador. Entretanto, permaneceu para designar aquele instrumento, que os fes-

teiros atuais chamam frequentemente de *símbolo do Sairé* ou, simplesmente, *Sairé*, também usado para se referir à festa como um todo.

O símbolo do *Sairé* foi comparado aos escudos portugueses, e Barbosa Rodrigues viu nele uma representação da Arca de Noé:

Este instrumento, inventado pelos missionários para perpetuar e firmar mais a religião entre os índios, tem uma significação bíblica. O *çairé* perpetua o dilúvio e as três pessoas da SS. Trindade, creio eu e assim explico: o arco significa a arca de Noé, os espelhos a luz. Os biscoitos e frutas, a abundância que havia na mesma arca, o algodão e o tamborinho a espuma e o ruído das águas, o movimento dado ao *çairé*, o balouçar da mesma arca, e as três cruzes, sendo a su-

*Procissão de busca dos mastros na abertura da festa.*  
Foto: Carlos Matos, 2012



perior maior, as três pessoas distintas da SS. Trindade, e um só Deus verdadeiro, representado pela cruz maior e mais elevada (RODRIGUES, 1890, p. 280).

Para Ferreira, a adoção desse objeto concebeu “toda a ideologia católica cristã” que impunha aos nativos “um deus até então desconhecido” (FERREIRA, 2008, p. 68). Assim, a procissão do Sairé teria passado a levar à sua frente o arco, sob recomendação dos padres.

Cabe frisar que, no passado, o ritual e o arco do Sairé fizeram parte de diferentes festas de santo na região do Tapajós, como aquelas dedicadas a Nossa Senhora da Saúde, Santo Antônio, São Tomé e São José. Em 1762, o frei João de São José Queirós, bispo da capitania do Pará,

presenciou um Sairé na comunidade de Vila Franca, que fica rio acima.

Veio uma dança de índias às portas das casas da residência em que estávamos, e ao seu modo dançaram muito honestamente, tendo cinco em fileira um semicírculo ou meio arco de pau; em que pegavam todas sustentando-o na base que do círculo inteiro seria o diâmetro, governando uma índia a dança, e sustentando com um listão preso ao mesmo arco, alargando-o ou recolhen-

*Coleção particular  
Iure Dias*



do quando retrocediam ou quando ganhavam mais terreiro avançando com o dito arco, a que chamam sayré (QUEIRÓS apud DIAS, 2014, p. 13).

Além de polissêmico, como afirmamos, o termo Sairé é polêmico. Com efeito, a grafia desse vocábulo apontado como sendo proveniente do *nheengatu* (língua geral indígena, variante do tupi) tem sido objeto de acaloradas discussões e controvérsias entre literatos e populares, em especial os festeiros de Alter do Chão. Ao longo dos três séculos de história, esse termo já foi escrito de diferentes maneiras, mas os debates mais acirrados em torno do assunto se dão pela escolha entre as iniciais “S” e “Ç”.

Barbosa Rodrigues adota a grafia com “Ç” pelo fato de o vocábulo derivar da expressão *Çai e eré*, da língua indígena, conforme sustenta o autor: “a palavra *çairé* deriva-se de *çai* e *eré*, ‘salve! tu o dizes’ ou saudação, e *turyua* significa alegria” (RODRIGUES, 1890, p. 289). Outras versões, contudo, referem-se ao *Sahirê* (*Çã-yerê*, ou corda em giro) como uma “dança de rapazes” (SAMPAIO apud CASCUDO, 2000, p. 225). Nunes Pereira (1989) destaca o uso do termo *Sahiré* por alguns escritores, como o Padre João Daniel, e adota essa grafia no título da obra dedicada à celebração. Porém, ao longo do texto, lança mão das diferentes formas de escrita, de acordo com o aspecto que queira abordar. O autor informa, ainda, que o português Fran-

cisco Gomes de Amorim grafou *Sayré* em todo o terceiro ato de seu drama *Cedro vermelho*, apresentado em Lisboa, em 1856. Inglês de Souza, por sua vez, escreveu *Sairé* em *O missionário*.

Quando esta pesquisa começou, em 2012, em Alter do Chão e na cidade de Santarém escrevia-se a palavra com “S”, assim como se fazia na localidade antes do “resgate da festa em 1973”. No bojo do processo de “retomada da festa”, o grupo que o liderou primou pela atualização das supostas origens e tradições verdadeiras da festa, adotando a grafia *Çairé*. Mais tarde, adotou-se a inicial “S” a pretexto da adequação às normas da língua portuguesa, que não admitem palavra iniciada com “Ç”. No final dos anos 1990, tornou-se ao “Ç”, enfatizando a origem indígena da festa. Com o objetivo de promover uma difusão mais ampla da festa em circuitos turísticos e oficiais de cultura, o “S” voltou a ser usado em meados dos anos 2000. Recentemente, em 2013, a inicial “Ç” foi recuperada em um acordo entre os organizadores da festa e a Prefeitura Municipal de Santarém. Diante de diferentes grafias e impasses, muitos participantes, espectadores e pesquisadores da festa admitem tanto *Sairé* quanto *Çairé*. Por essa razão, este texto mantém as duas formas.

## Retomada e recriação

Apesar das conexões aparentemente fortes entre elementos católicos e ritos indígenas no Sairé de Alter do Chão, desde seus primeiros registros, as mais frequentes narrativas locais destacam a “proibição da festa” pela Igreja em



1943.<sup>2</sup> Esse fato não é isolado, visto que nos anos 1940 a Igreja Católica estabeleceu limites rígidos de distância e silêncio em relação às chamadas festas de santo que ocorriam em toda parte do Pará. Assim, em várias paróquias a população viu padres restringindo severamente expressões de religiosidade que já se haviam tornado tradicionais nas comunidades urbanas e ribeirinhas do estado.

<sup>2</sup> O ano de 1943 é o marco do que os festeiros chamam de “proibição da festa”, evento que se estende até 1973, ano que marca para eles um novo período, designado como “retomada da festa”. Neste texto adotam-se aspas nas referências a esse evento porque diversos relatos registrados no trabalho de campo do INRC-Sairé indicam que os festejos do Sairé teriam continuado a acontecer em locais mais afastados da vila de Alter do Chão, de modo que a “proibição da festa” não teria representado exatamente a sua total interrupção, mas, antes, impulsionado os devotos em direção a outras estratégias de realização dos ritos.

*Preparação do tarubá.  
Foto: Carlos Matos, 2012*

As tradicionais festas de santo, conforme mostrou Galvão (1976), eram geridas pelos comunitários e tinham mínima presença eclesial. Além disso, estavam intimamente associadas ao consumo de bebidas, a cânticos, danças e outras práticas que eram consideradas profanas pelas autoridades religiosas. Ao realizá-las, as comunidades subvertiam a ordem que a Igreja tentava impor.

Nas freguesias a pessoa menos desejada em uma “festa de santo” é o padre. Explicam que a presença de um eclesiástico impedirá o baile, ou que realizar um baile nessas circunstâncias seria faltar com o respeito a ele. Contam-se muitas anedotas sobre a interferência de um padre em tais festas. Acentuam, em geral, a ansiedade dos caboclos em se verem livres da presença não desejada (GALVÃO, 1976, p. 82-83).

*Maria Justa, a saraipora,  
bebendo tarubá.  
Foto: Carlos Matos, 2012*

A Igreja Católica reclamava, nessa época, a necessidade de uma reforma moral inspirada na Circular nº 30 do arcebispo dom Evaristo Lustosa, que fora publicada em 14 de fevereiro de 1935 (FERREIRA, 2005). O descontentamento dos párocos com bailes e manifestações populares foi demonstrado em artigos publicados no jornal *O Mariano*:

Aos Revmos., Vigários, Capelães e Superiores Religiosos;

Bem sabeis o quanto detesta a igreja os bailes modernos, mui especialmente os que caracterizam a quadra carnavalesca. Quantas vezes tem levantado a igreja a sua voz de reprovação contra as danças modernas!





Sobretudo amados cooperadores, é doloroso saber-se que pessoas católicas conciliem a vida de piedade da participação de tais diversões mundanas e paganizantes. [...]

São trechos escolhidos de um príncipe da igreja, Dom Lustosa, insigne pela piedade e pelo zelo na defesa heróica dos principais católicos, admirado pelo talento brilhante e coragem desassombrada, trechos que oferecemos aos titubeantes no caminho do cristianismo, pessoas que olham para terra e olham para o céu sem terem coragem de escolher.

O Baile é festa de sensualidade. [...] (RAMOS apud FERREIRA, 2005, p. 57-58).

*Coleção particular  
Iure Dias*

Em Alter do Chão, o movimento eclesialístico afetou a realização do Sairé a partir de 1943, com a proibição dos ritos festivos da celebração, entre os quais a procissão organizada pelos moradores, que foi impedida de adentrar a igreja. Em entrevista à pesquisadora Gicele Ferreira, o senhor Silvito Malaquias contou:

Cheguei aqui em 1943... Eles faziam a festa do Sairé... Os padres alemães promoviam a festa do Sairé junto com São José e Nossa Senhora, depois eles saíram. Foi o tempo que chegou os americanos e eles mataram a festa do Sairé... Eles interromperam a festa porque achavam que a festa era festa que não pertencia à religião católica (FERREIRA, 2005, p. 60).

Para Nogueira, a procissão do Sairé foi proibida pela Igreja Católica “por força das desavenças que causava entre os seus participantes que, após as ‘obrigações cristãs’, esbaldavam-se em bebidas alcoólicas derivadas da mandioca ou da cana-de-açúcar”. (NOGUEIRA, 2008, p. 145). Com efeito, o consumo do tarubá,<sup>3</sup> julgado excessivo pelos religiosos, aliava-se à realização de danças e estimulava atitudes dos festeiros que aqueles viam como profanação. Assim, antes mesmo da chamada “proibição da festa”, a Igreja já impunha restrições às práticas festivas locais. É o que atesta Barbosa Rodrigues:

O espírito religioso que presidiu á confecção do instrumento [o símbolo do Sairé] perpetua-se até hoje com fiel devoção e crença, mas já profanado pela civilização, que introduziu n’elle a orgia, pelo que a autoridade ecclesiastica tem prohibido o seu uso. Servindo hoje para, pela oração, porem-se

bem com Deus, é motivo para regalarem-se com as mulheres, no meio da embriaguez (RODRIGUES, 1890, p. 280).

Ferreira (2008) defende, ainda, que, com a “proibição da festa”, as autoridades religiosas também buscaram reprimir o fato de que os doativos arrecadados pelos comunitários para a festa eram usados no barracão em prol do próprio povo que a organizava, e não destinados à Igreja.

Relatos de estudiosos e antigos moradores indicam que, enquanto perdurou a restrição do Sairé em Alter do Chão, os populares teriam continuado a prática dessa celebração em outras localidades, especialmente em comunidades ribeirinhas do Tapajós onde não havia fiscalização por parte dos párocos. Nelas, os devotos podiam realizar cânticos, louvores, danças e procissões expulsas do centro da vila e da igreja.

Infelizmente, muito pouco se sabe do período de 1943 a 1973, tanto em função da ausência de registros históricos, que praticamente cessaram nas três décadas da “proibição da festa”, quanto em função do silêncio comumente adotado pelos festeiros e párocos a respeito do assunto. Como uma espécie de tabu, a interrupção dos festejos do Sairé em Alter do Chão tornou-se um tema evitado pelos próprios sujeitos que a vivenciaram. Como constatou Pacheco na Ilha do Marajó,

[...] desvalorizando os trânsitos de povos e culturas entre campos e florestas, as letras missionárias silenciaram ritos, rostos e

<sup>3</sup> O tarubá é uma bebida feita a partir da fermentação da mandioca, de uso comum em festejos tradicionais de Santarém e adjacências, inclusive nas aldeias indígenas da região.



matrizes das religiosidades afroindígenas em suas memórias documentais. Apesar desta ausência, não há dúvidas que diferentes religiosos foram (in)tolerantes e guerrearam em palavras, gestos e ações contra benzedores, curandeiros, pajés e pais-de-santo nos primeiros 40 anos (1930-1970) da presença agostiniana na região (PACHECO, 2010, p. 94).

Nas falas dos festeiros de Alter do Chão a história do Sairé geralmente se divide em dois momentos: antes de 1943 e após 1973, marco que designam como a “retomada da festa”, um processo curioso e determinante da configuração contemporânea do evento.

*Carimbó do Boto Cor-de-Rosa.  
Foto: Carlos Bandeira Júnior,  
2012*

Nesse intervalo de 30 anos, foram geradas as condições para que ela fosse reconstituída em padrões bastante inovadores em relação ao que, até então, se reconhecia como o Sairé.

Antes de reiniciarem a festa, alguns moradores, animados com essa possibilidade, formaram um grupo e dividiram tarefas entre si. Segundo Dona Terezinha Lobato, uma das líderes da turma, a população local manifestava

o desejo de reviver os rituais de outrora, mas também alimentava a esperança de que a realização da festa contribuísse para a geração de renda na comunidade. Como a exploração do látex entrara em declínio, restavam aos moradores apenas os trabalhos de roça e pesca artesanal, o que os deixava em precárias condições econômicas. Na época, já havia entre eles a expectativa de atrair mais visitantes à vila, como relatou a Ferreira o idealizador da “retomada”, Seu Argentino Sardinha:

*Grupo de dança Brincando de Sairé.  
Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012*

Foi para chamar atenção do pessoal para cá pra Alter do Chão que estava com pouca gente; nas festas já vinha pouca gente para cá, então o pessoal daqui resolveu chamar a atenção do resto do pessoal: pode ser que venha mais gente; aí foi que nós fizemos e deu certo.

É que para as praias vinha pouca gente para prestigiar, não estava muito bom aqui, não tinha quase pessoas para vir aqui e nós decidimos fazer alguma coisa, levantar a vila e a lembrança foi o Sairé (SARDINHA apud FERREIRA, 2005, p. 64).

O grupo da “retomada” saiu de casa em casa para recolher depoimentos dos mais idosos, a fim de reconstituir a celebração com auxílio dos fragmentos das memórias individuais.





Ritual indígena.  
Foto: Carlos Bandeira  
Júnior, 2012

Sorteou entre casais da vila os cargos de personagens da festa, para que assumissem as respectivas responsabilidades. Promoveu bingos e vendas de comidas a fim de arrecadar dinheiro para a compra dos enfeites dos mastros, do baracão e para a festa como um todo. Por fim, foi pedir autorização para realizá-la ao pároco de Belterra, que aquiesceu com a ressalva de que a festa ocorresse separadamente da festa de Nossa Senhora da Saúde.

A igreja daqui era mandada pela igreja de Belterra, daí nós fomos falar com ele e ele disse que ia até ver como era esse negócio do Sairé, que podia fazer a primeira fes-

ta dia 20 a 24 de junho de 1973. Essa festa chamou atenção de um bocado de pessoal, veio muita gente para cá, de lá pra cá a festa continuou (SARDINHA apud FERREIRA, 2005, p. 64).

Em um esforço de recriação consciente das tradições do Sairé, o grupo de pessoas que trabalhou na “retomada da festa” acabou por promover mudanças significativas em sua estrutura, agregando a ela um mosaico de expressões culturais que identificavam como parte do folclore da vila. As entrevistas concedidas a Gicele Ferreira por Luzia Lobato e Silvito Malaquias são reveladoras sobre as mudanças.

O folclore, ele não tinha, nós criamos em cima da festa do Sairé, da semana de procissão da ladainha. A ladainha dele não tinha em especial pra ele [...] a gente rezava ou reza até agora a ladainha que é do Divino Espírito Santo, numa ladainha cantada em latim, por sinal muito bonita [...] e para incrementar mais a coisa nós criamos a ladainha em cima daquela procissão... (LOBATO apud TENÓRIO, 2012, p. 28-29).

Pra conseguir melhor nós fizemos estes cordões de brincadeira, de pássaros e *se lembramos* de várias danças que tinham aqui: o curimbó, do Pinduca é carimbó, o nosso aqui criado é curimbó, aí nós criamos uma valsa,

a da ponta do lenço, e nós apresentamos até em Santarém. Essa valsa e o Cruzador Tupi, que é uma das maiores brincadeiras (MALAQUIAS apud FERREIRA, 2005, p. 66, grifo do autor).

Em relação às expressões culturais mencionadas nas entrevistas de ambos, os moradores locais compartilhavam o mesmo sentimento de “perda” que Gonçalves identifica na retórica do discurso patrimonial.

*Luzia Lobato no ensaio de ladainhas.*

*Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012*

Em suas narrativas, a perda pressupõe uma situação original ou primordial de integridade e continuidade, enquanto a história é concebida como um processo contínuo de destruição daquela situação. Sua missão [dos intelectuais] é, conseqüentemente, definida como a de proteger aqueles valores ameaçados e redimi-los em uma dimensão de permanência e transcendência (GONÇALVES, 2002, p. 87-88, grifo nosso).

Como o Sairé não se realizaria mais junto às comemorações da santa padroeira e não se confundiria com os domínios da igreja, os párcos locais não se opuseram à introdução das músicas e danças folclóricas na festa. A demarcação de fronteiras entre os domínios dos festeiros e dos padres se traduziu materialmente



no circuito adotado pela procissão, que marcou a separação nítida dos espaços da igreja e do barracão.

Contudo, o novo formato da festa não eliminou as práticas de promessa, os ritos de agradecimento por graças recebidas e todas as experiências de fé e devoção que expressavam a religiosidade popular na antiga festa proibida pela Igreja. Muito pelo contrário, essas experiências se estabelecem fortemente no espaço físico e simbólico do barracão. Então, conforme Terezinha Lobato relatou a Gicele Ferreira, o Sairé passou a ser “uma parte religiosa, porque ele ficou parecido com uma festa religiosa, então ele é uma coisa religiosa”, mas também uma “coisa folclórica”.

A igreja sabia porque participava com a gente do resgate do Sairé, muita gente que faz parte da igreja [...] só que eles no primeiro ano, eles concordaram que o Sairé não fazia parte da igreja [...] as ladainhas, foi aí que se criou o barracão e lá a gente fazia [...] as rezas *era assistida* da porta da igreja [...] então como a festa eles que não dizem que não é da religião e que a procissão seja coisa folclórica, porque é. Então a gente resolveu tirar da igreja por completo e ficamos fazendo independente (LOBATO apud TENÓRIO, 2012, p. 28-29, grifo do autor).

*Detalhe do trono.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*



Por fim, a festa do Sairé de Alter do Chão “retomada” em 1973 se configurou como um caso exemplar de (re)invenção de tradições que, apesar de inovarem em certos aspectos, buscaram estabelecer vínculos com um passado histórico que ficara interrompido em 1943. Por definição, entende-se aqui como tradição inventada

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p. 9).

A festa do Sairé ficara, então, sob a responsabilidade integral de famílias da vila de Alter do Chão, principalmente dos Sardinha e Lobato. Passou a ser organizada pela comunidade com recursos próprios e conforme os padrões rituais locais. De acordo com Silvito Malaquias:

O povo foi aceitando assim, nós trabalhando, procurando recurso da nossa parte mesmo, fazendo farinha, bejú, vendendo frutas (laranja, banana), tudo que era aqui mesmo, se ajuntava aqui mesmo. Então os recursos não *foi procurado* nada de Santarém, nada, foi só aqui mesmo, dois anos, né? (MALAQUIAS apud FERREIRA, 2005, p. 66, grifo do autor).

Com o passar do tempo e o sucesso da empreitada de “retomada”, os comunitários foram buscar apoio econômico para sua realização junto a comerciantes e à prefeitura de Santarém, que passou a financiar a festa, tornando especializadas determinadas atividades de organização do evento. Aos poucos, iniciou-se um processo de disputa pelo controle do evento, que assumiu conotações políticas e anunciou novas mudanças.

## Novas formas de celebrar

Em fins da década de 1980, a festa do Sairé de Alter do Chão já apresentava indícios de decadência, sobretudo em face das dificuldades econômicas e dos poucos incentivos por parte do poder público. Os jovens também não se mostravam muito interessados no evento, e os líderes da retomada, envelhecendo, não encontravam seguidores e herdeiros para suas atribuições. A juventude local era atraída por músicas contemporâneas mais agitadas, a exemplo das toadas do boi-bumbá amazonense. Pesquisadores e moradores constatavam que a tradição tricentenária esmorecia diante da falta de motivação dos jovens e da ausência de uma política cultural que desse impulso à festa naqueles anos de recessão (NOGUEIRA, 2008).

Em 1997 descortinaram-se os horizontes, fazendo surgir uma nova concepção da festa do Sairé, com a parceria entre seus organizadores e



o poder público. Construía-se então, uma proposta voltada para a comercialização do evento e a exploração do turismo, valendo-se das belezas naturais da vila, do folclore e da cultura, ainda com a preocupação de preservar a suposta essência da “tradição” do ritual. Assim, a festa passou a incorporar novos elementos.

Além das manifestações folclóricas conhecidas desde 1973, os organizadores inseriram na programação da festa apresentações de grupos que dramatizaram a lenda do boto. Com o sucesso dessa inovação, criou-se o Festival dos Botos Tucuxi e Cor-de-Rosa, que adotou o modelo de disputa festiva a exemplo do boi-bumbá de Parintins, no Amazonas. Na sequência, ar-

*Celebração de abertura  
da festa do Sairé.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*

tistas de porte regional e nacional passaram a fazer shows no encerramento das noites de festa. A partir de então mais investimentos municipais passaram a ser destinados ao Sairé (FERREIRA, 2008).

O ano de 1997 pode ser considerado como um segundo marco da reinvenção das tradições locais, um divisor de águas para a comunidade de Alter do Chão, pois desencadeou um novo processo de reconstrução da festa do Sairé. Esse processo atraiu atenções

políticas, favorecendo o desenvolvimento de ações para potencializar a festividade, inserindo-a em um calendário turístico a fim de promover sua visibilidade em escala nacional. O vice-prefeito municipal de Santarém declarou, na época, que “até [19]96, o evento era inteiramente conduzido pelos moradores da vila. Foi então que resolvemos unir esforços [poder público e comunidade] para que a festa ficasse conhecida nacionalmente” (LEITE, 2001, p. 99, grifo nosso).

*Zilkson Reis, artesão  
do Boto Tucuxi.  
Foto: Diane Cardoso, 2012*

Focados no objetivo de ampla divulgação da festa, os grupos locais em parceria com o Governo Municipal sugeriram medidas estratégicas para inflar o fluxo de turistas no local, ao mesmo tempo que procuravam conciliar os desejos de mudança com os de preservação da tradição (NOGUEIRA, 2008). Na interpretação de Rêgo,

[...] na festa do “Çairé” existe um modo relacional que é presente, está lá e nasce da aflição de não deixar morrer uma tradição. [...] É importante que os poderes institucionais sejam inoculados pelo exercício das relações humanas que se dá entre os homens, precisando resgatar as relações éticas que são construídas no cotidiano (RÊGO, 2003, p.138).



Por um lado, foram feitos investimentos na infraestrutura de Alter do Chão para fazer jus ao crescente mercado turístico. Por outro lado, a mercantilização da festa envolveu estratégias simbólicas. As medidas resultaram, primeiramente, na mudança do calendário festivo de Alter do Chão, e o Sairé, até então celebrado em junho, passou para julho, mês de férias. Porém, como esse é um período de cheia dos rios, em seguida se transferiu a festividade para o mês de setembro,<sup>4</sup> quando despontam o calor e as belas praias do Tapajós.

Como estratégia de marketing, nessa época adotou-se a grafia “Çairé”, que, apesar de causar muita polêmica, reforçou uma concepção local da festa que valorizava a origem e a identidade indígena dos rituais de uma comunidade amazônica. De acordo com Nogueira (2008), na década de 1990 a Amazônia se tornou, ela própria, uma marca para a linguagem do mercado. As festas na floresta, segundo esse autor, surgiram como produtos culturais autenticamente amazônicos dotados do fetiche da mercadoria.

Na década de [19]90, a Amazônia fez ecoar um som que saiu da floresta e se estendeu pelo mundo afora. No ritmo das toadas de

<sup>4</sup> Em setembro era realizado o Festival Borari, que também fora criado por moradores com a intenção de incrementar as atividades culturais e turísticas em Alter do Chão e, ainda, levantar recursos para produção das indumentárias dos grupos folclóricos que se apresentavam na festa do Sairé. Com a mudança da data do Sairé, o festival passou para o mês de julho. Ele é realizado até hoje nesse mês, e é composto por rituais indígenas, apresentações de grupos de carimbó e outras danças e músicas regionais, jogos indígenas e demais atrações que ocorrem sob o comando da Associação Indígena Borari de Alter do Chão, com apoio da administração distrital da Vila e da prefeitura de Santarém.

boi, músicas com balanço diferente (que não samba, pagode e axé music) surpreenderam o Brasil e, num segundo momento, conquistaram simpatia da Europa a partir da França. O Estado do Amazonas fez nascer a paixão pelos bois Garantido e Caprichoso. [...] A cidade é tomada de assalto por um público sedento por cultura e festa, muita festa (LEITE, 2001, p. 112, grifo nosso).

Para o novo modelo de festa do Sairé, tornou-se necessário um espaço maior que o da praça 7 de Setembro, onde fica a igreja Nossa Senhora da Saúde, bem na frente da vila balneária. A antiga praça não podia mais comportar o público dos festejos e, principalmente, das apresentações dos grupos de boto. Logo, a praça do Sairé foi construída em um local mais afastado do centro da vila, com capacidade para receber milhares de participantes.

A praça do Sairé passou a congregar o baracão, área para barraquinhas de comidas e bebidas, e um espaço próprio para a disputa festiva dos botos. Logo o local ficou conhecido também como Sairódromo,<sup>5</sup> devido à sua forma de arena circundada por arquibancadas e camarotes, acessíveis apenas mediante pagamento ou cessão de ingresso pelos organizadores da festa. A reorganização espacial da festa traduziu

<sup>5</sup> Esse termo foi utilizado para designar a praça quando ela ficou pronta, em alusão ao Bumbódromo (arena do festival do boi-bumbá de Parintins), principalmente por pessoas de fora da comunidade. No entanto, em Alter do Chão os moradores referem-se a ela preferencialmente como praça do Sairé.

sentimentos e propostas ambivalentes de continuidade e ruptura com a tradição e a vida comunitária, que ficou mais restrita ao barracão e seu entorno, onde todos podem entrar, circular e participar livremente dos ritos mais antigos da festa.

No plano simbólico, houve um reposicionamento dos universos festivos concebidos como sagrado ou profano. Além disso, a ocupação da praça do Sairé demandou mudanças significativas nas formas de composição

e apresentação dos grupos organizadores da procissão, das músicas e das danças que faziam parte da celebração. Os grupos folclóricos locais recorreram à adoção de indumentárias padronizadas que valorizassem a visualidade e a plasticidade em suas apresentações. Os botos, em especial, introduziram no seu festival um rol de personagens, fantasias, adereços, alegorias, coreografias e dramaticidade espetaculares. O novo espaço da festa acentuou a distinção entre festeiros, atores e espectadores.

O modelo inovador garantido com a destinação de um espaço próprio para o crescente público da festa estimulou seus organizadores a captarem mais recursos públicos e patrocínios de empresas, que passaram a subsidiar determinados itens, sobretudo a apresentação dos botos

*Ornamentação do trono.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*





(À esquerda) Curandeiro do Boto Tucuxi.

Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012

(À direita) Ornamentação da Praça do Sairé.

Foto: Diane Cardoso, 2012

Tucuxi e Cor-de-Rosa. Na primeira década dos anos 2000 a festa ganhou espaço na mídia convencional e especializada em turismo. Expandiu-se consideravelmente e se impôs como o maior evento cultural do oeste do Pará.

Em 2006, a grafia do nome da festa foi novamente alterada, dessa vez para Sairé, sob o argumento de se adequar à língua portuguesa e assim inseri-la em um universo mais abrangente de relações com patrocinadores, empresários, especialistas e formadores de opinião, vinculando-a mais estreitamente à nação. As políticas públicas de cultura e turismo, naquele momento, recomendavam um olhar mais empresarial para a festa.<sup>6</sup>

A própria Igreja Católica, reconhecendo o valor cultural e a importância da festa do

Sairé para a comunidade, reaproximou-se dela e, particularmente, dos ritos do barracão. A reaproximação teve início com o padre José Boeing, da paróquia local, e, em 2011, contou com a presença do próprio bispo da diocese, dom Esmeraldo, que presidiu a missa de abertura, dando ênfase à presença do Espírito Santo e ao sentimento de identidade dos comunitários com a tradição da festa do Sairé. Hoje, o padre da igreja de Nossa Senhora da Saúde é responsável pelas celebrações de abertura e de encerramento da festa.



<sup>6</sup> A política surtiu efeito, e os recursos financeiros para o ano de 2011 foram da ordem de R\$ 205 mil para cada agremiação de boto, sendo R\$ 100 mil repassados pelo governo do estado do Pará, R\$ 45 mil pela prefeitura de Santarém, e R\$ 60 mil pela CERPA, que patrocinou as agremiações com a contrapartida de distribuição de bebidas da marca com exclusividade.

# Alter do Chão

O território atual de Alter do Chão corresponde a uma antiga aldeia indígena borari situada no município de Santarém, no oeste do Pará. Nessa região viveram diversos povos indígenas, muitos dos quais foram dizimados a partir da colonização; os Tapajó constituíram o grupo mais populoso e importante, devido à sua organização sociocultural. O encontro dos conquistadores europeus com a sociedade tapajônica, em 1542, foi descrito pelo frei Gaspar de Carvajal, cronista da expedição do espanhol Francisco Orellana, responsável pelo “descobrimto” do rio das Amazonas:

No dia seguinte encontramos outra aldeia do mesmo feitio e, como tivéssemos necessidade de comida fomos forçados a atacá-la. Esconderam-se os índios para que saltássemos em terra, e vendo que já tínhamos desembarcado, saíram de sua emboscada com imensa fúria. Vinha adiante o seu capitão ou senhor, animando-os com grande gritaria. Um dos nossos balheteiros fez pontaria nesse senhor e o matou... Vendo o capitão que não se que-

riam render, que nos tinham feito dano e ferido alguns dos nossos companheiros, mandou por fogo nas casas onde estavam os índios, que assim saíram delas, fugindo... (ORELLANA apud GOMES, 2002, p. 147-148).

Em 1626, outra expedição, comandada pelo capitão português Pedro Teixeira chegou à região, tendo feito, segundo consta, os primeiros contatos amistosos com os Tapajó e demais nativos. O cronista dessa expedição, o padre jesuíta Christobal de Acuña, narrou a boa acolhida que receberam, efetuando trocas por alimentos, e criticou os portugueses pelo aprisionamento e escravização dos índios.

Em 1639, o sargento-mor da capitania do Cabo Norte, Bento Maciel, atacou a aldeia

*Ilha do Amor.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*



indígena e deu início a um processo violento de dizimação da população local. Até então, com cerca de 60 mil indivíduos “os Tapajós eram bastante numerosos e habitavam a foz do rio Tapajós (Santarém), bem como Borari (Alter do Chão)” (GOMES, 2002, p. 25).

Quando o padre Antônio Vieira visitou a região, em 1659, prometeu enviar missionários para lá se instalarem em caráter definitivo. Assim, em 1661, designou para a missão em Santarém o padre João Felipe Bettendorf, que veio a ser responsável pela fundação da cidade. Já no território borari foi fundada a Missão de Nossa Senhora da Purificação, inaugurando uma fase de transformações culturais e linguísticas.

Sob a administração dos jesuítas o empreendimento colonial cresceu significa-

tivamente. Devido à sua proximidade com o rio Amazonas, e como o Tapajós permitia navegação constante, Santarém prosperou como uma espécie de entreposto comercial. Sobre a aldeia borari o padre José de Moraes relatou, em 1759:

Subindo o rio Tapajós acima à mão esquerda, em distância de sete léguas está a aldeia de Borari, também da administração dos religiosos da Companhia. Esta aldeia estava unida com a dos Tapajós até o ano de 1738,

*Igreja de Nossa  
Senhora da Saúde.  
Foto: Alexandre Rocha, 2016*



em que o Padre Manuel Ferreira a separou para Borari, por causa de ser muito grande a aldeia de Tapajós, e não ter terras bastantes para cultura de tantos índios. Defronte de Borari à mão direita do rio está a aldeia de Cumaru ou Arapiuns (MORAIS apud RODRIGUES, 2015, p. 86).

Nos séculos XVII e XVIII, a antiga aldeia borari recebeu diversas incursões religiosas, até a expulsão definitiva dos jesuítas e a extinção das missões no estado do Pará, na era pombalina. Quando Santarém foi elevada à condição de vila por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 1758, a Missão de Nossa Senhora da Purificação também se tornou vila e foi renomeada como Alter do Chão.

A adoção dos novos nomes, iguais aos de localidades de Portugal, pelo então governador da província do Grão-Pará, integrou a política de colonização e contribuiu para o esfacelamento dos povos indígenas da região. Além de guerras, escravidão e doenças contraídas no contato com os europeus, a política de Mendonça Furtado e de seu Diretório dos Índios submeteu os nativos a diversas formas de violência simbólica. Nem a manutenção do nome étnico lhes foi permitida:

E para se evitar a grande confusão que precisamente havia de refutar de haver na mesma Povoação muitas Pessoas com o mesmo nome, e acabarem de conhecer os Índios com toda a evidencia, que busca-

mos todos os meios de os honrar, e tratar, como se fossem Brancos; terão daqui por diante todos os Índios sobrenomes, havendo grande cuidado dos Directores em lhes introduzir os mesmos Apellidos, e Sobrenomes, de que usam os Brancos, e as mais Pessoas que se achão civilizadas, cuidarão em procurar os meios lícitos, e virtuosos de viverem, e se tratarem a sua imitação (BELTRÃO, 2013, p. 21).

O diretor dos índios foi caracterizado por Santos como um mediador, “um chefe indígena com muita popularidade e prestígio, tanto entre os silvícolas como entre os brancos. Sempre amigo dos portugueses, sabia aplanar as controvérsias e apaziguar os ânimos e interesses, de forma que era muito benquisto e respeitado” (SANTOS, 1999, p. 140). Contudo, a população nativa vivia permanentemente aterrorizada, devido aos frequentes conflitos com os portugueses. Na Carta Régia de 1798, dirigida a dom Francisco de Souza Coutinho, o capitão geral do Grão-Pará ordena:

[...] convidar aquelles indios que ainda estão embrenhados no interior da capitania, a vir viver entre homens, mas de conservar constantes e permanentes aquelles que já hoje fazem parte da sociedade servindo ao Estado, e conhecendo uma religião em que vivem felizes, bem de outro modo que os primeiros, desgraçadamente envolvidos em uma ignorancia cega e profunda, até dos principios da religião santa que abraçaram os últimos por



*Ilha do Amor.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*



efeito das pias e benéficas disposições dos Srs. Reis meus predecessores, e minhas: e querendo igualmente que a condição d'estes índios, assim que os que já hoje tem trato e comunicação com os outros vassallos, como dos que d'elles fogem, seja em tudo a de homens em sociedade. (BELTRÃO, 2013, p. 15-16).

Entre fins do século XVII e meados do XVIII os cronistas de Santarém e Alter do Chão já registravam a extinção e a intensa miscigenação dos povos originários. Barbosa Rodrigues informa que “a época do desaparecimento dos Tapajós, começou em 1750, com uma epidemia de cursos de sangue que apareceu e em 1798 eles já não existiam, senão cruzados com outros” (GOMES, 2002, p. 157). Von Martius, em *Viagem pelo Brasil*, de 1819, menciona:

Os índios da redondeza (de Santarém) empregados dos colonos ou donos de pequenas roças, eram cruzamento de um sem-número de tribos [...] Todas essas tribos aparentadas, caldearam-se ao contato dos brancos, formando, dentro em poucos anos, uma população homogênea nos costumes e na língua (VON MARTIUS apud SANTOS, 1999, p. 100-101).

Por fim, no início dos anos 1850, quando o naturalista Henry Walter Bates visitou Alter do Chão, registrou que a vila fora primitivamente “uma aldeia de indígenas, denominada Burari”. Esse povo, segundo ele, sempre fora hostil aos portugueses; mesmo assim, “poucos

escaparam às carnificinas e, por esse motivo, quase não se encontra um velho ou homem de meia-idade no lugar”.

A vila era habitada quase que exclusivamente por índios semicivilizados, num total de sessenta ou setenta famílias; suas casas se espalhavam irregularmente ao longo de ruas largas, sobre um chão coberto de relva e no sopé de uma elevada serra coberta de exuberante mata (BATES, 1979, p. 161).

Apesar de resistirem à escravidão e à dizimação — paradoxalmente, até mesmo pela estratégia de rejeição ou ocultamento da identidade indígena —, os povos nativos foram considerados extintos nos anos 1900. Como afirma Santos, “foram-se apagando, diminuindo, desaparecendo do cenário local. Dentro de alguns anos, eram apenas ‘notícia’ para os novos e tradições para os velhos” (SANTOS, 1999, p. 99). Nesse tempo, a população de Alter do Chão também veio a ser considerada cabocla, ribeirinha e mestiça, mas não indígena.

No início do século XX essa população vivia basicamente da agricultura e do extrativismo — principalmente de borracha. Além disso, como o látex extraído em Belterra e Fordlândia (situadas rio acima) era transportado via Alter do Chão, os moradores locais experimentaram nesse período algum desenvolvimento econômico. No plano político, a vila de Alter do Chão foi elevada à categoria de distrito de Santarém pela Lei Estadual nº 158, de 31 de dezembro de 1948.

A partir da década de 1950, com a decadência do extrativismo de borracha, a incipiente economia local foi abalada. A população teve de se manter com base em atividades de subsistência como a pesca, a caça, a extração de gêneros florestais e os trabalhos agrícolas em pequena escala no cultivo de arroz, milho, feijão e mandioca. Somente a partir da década de 1970, Alter do Chão começaria a receber fluxos turísticos consideráveis, e a importância econômica dessa atividade aumentaria muito dos anos 1990 em diante.

Com efeito, Alter do Chão apresenta fortes atrativos para os visitantes. Se a localização de Santarém é privilegiada — na confluência dos rios Tapajós e Amazonas, onde ocorre o bellissimo encontro das águas —, a de Alter do Chão constitui uma das mais belas paisagens da Amazônia paraense. A vila fica às margens do rio Tapajós e é rodeada pelo lago Verde, de 165 hectares aproximadamente. Ao longo do rio, a montante e a jusante, existem outros lagos (Jacundá, Jucuruí, Mangueira, Caxambu e lago da Ponta das Pedras), praias e enseadas que conformam um conjunto de paisagens paradisíacas, como anuncia o hino de Alter do Chão.

Lindas praias, verdes montes  
Que circundam o meu torrão  
Pra quem vem, vê muitas pontes (bis)  
Logo chega *em* Alter do Chão

Amor e felicidade  
Cá tem em todo lugar  
Quando parto dá saudade  
E aqui quero ficar



*Vista de Alter do Chão.  
Foto: Alexandre Rocha, 2016*

Lindas praias, verdes montes  
Que circundam o meu torrão  
Pra quem vem, vê muitas pontes (bis)  
Logo chega *em* Alter do Chão

No símbolo de Cristo eu vejo  
A beleza deste rincão  
A cruz no alto da serra  
Nos envolve de emoção

Lindas praias, verdes montes  
Que circundam o meu torrão  
Pra quem vem, vê muitas pontes (bis)  
Logo chega *em* Alter do Chão

Rainha do lago Verde  
Princesa do Tapajós  
Oh Senhora da Saúde  
Ilumine a todos nós

Lindas praias, verdes montes  
Que circundam o meu torrão  
Pra quem vem, vê muitas pontes (bis)  
Logo chega *em* Alter do Chão

Como os 37 quilômetros que separam Alter do Chão da sede de Santarém equivalem a cerca de 45 minutos em transporte público ou particular pela rodovia asfaltada PA-457 (Rodovia Everaldo Martins),<sup>1</sup> a vila é regularmente procurada como destino para atividades de lazer, passeios de barco, trilhas ecológicas, esportes aquáticos e banho.

Sua praia mais frequentada é a chamada Ilha do Amor: uma ponta de areia que se estende pela enseada natural do rio bem em frente à vila de Alter do Chão, onde se pega uma caia (tipo de embarcação pequena movida com dois remos) para fazer a travessia até a praia. Lá há barracas que servem comidas e bebidas. A praia do Cajueiro ou da Gurita, que também fica bem próxima ao centro da vila, é igualmente frequentada e provida de barracas.

<sup>1</sup> A rodovia foi asfaltada na década de 1990 e, posteriormente, foram construídas pontes de concreto sobre os igarapés que a recortam, de modo a facilitar o transporte terrestre.

Atualmente a economia de Alter do Chão é primordialmente dependente da atividade turística. Basicamente, a atividade se divide em quatro segmentos: o turismo de fim de semana, o de férias, o de navios internacionais e o das grandes festas. Assim, uma série de atividades direta ou indiretamente ligadas ao turismo cria postos de trabalho e gera renda na vila.

Não se trata apenas da renda direta obtida pelos comerciantes locais e pelos moradores que tomam conta das casas de veraneio na vila. O turismo também gera renda para Santarém, onde ficam os fornecedores das mercadorias comercializadas, as empresas de ônibus que fazem o transporte local, as agências que intermedeiam a vinda dos navios. Além disso, “em função de visitação constante, em toda a região que compreende os domínios de Alter do Chão, desenvolveu-se uma série de atividades econômicas ligadas ao turismo, propostas pela comunidade” (RÊGO, 2003, p. 143).

A comunidade cresceu significativamente nas últimas décadas, atingindo uma população estimada em torno de oito mil habitantes em 2010, o que correspondia então a pouco menos de 3% da população total do município.<sup>2</sup> Os moradores do distrito, que tem 1.706 km<sup>2</sup> de área, estão distribuídos na vila, nos bairros e nas comunidades mais afastadas. Para atender às suas necessidades, estão disponíveis:

<sup>2</sup> Santarém tem uma área de 22.887 km<sup>2</sup>, onde vivem mais de 290 mil habitantes.

posto médico com atendimento de emergência e assistência ambulatorial básica com atendimento 24 horas na unidade; segurança pública sob responsabilidade da Polícia Militar e Polícia Civil; posto de serviço da Empresa de Correios e Telégrafos; serviço de telefonia fixa operacionalizado pela Companhia Oi e por empresas que prestam serviços de telefonia celular. (TENÓRIO, 2012, p. 19).

Destaca-se no contexto atual a expansão imobiliária na vila — com a segregação de muitos antigos moradores que vendem seus terrenos a novos ocupantes e se transferem para áreas periféricas. Como esses processos não são acompanhados da implantação de serviços básicos nem de infraestrutura mínima para comportar o rápido inchaço populacional, vêm resultando em diversos problemas próprios do crescimento urbano desordenado. Por exemplo, o acesso regular à energia elétrica só veio a se estabelecer na vila como resultado do projeto Traçoeste, concluído em 1999. E, por ironia, apesar de viverem sobre aquele que é considerado o maior depósito de água subterrânea potável do mundo,<sup>3</sup> os moradores da localidade sofrem constantemente com falta d'água, principalmente nos períodos de férias e da festa do Sairé.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Com aproximadamente 86.000 km<sup>3</sup>, o aquífero Alter do Chão responde por 40% do abastecimento da cidade de Manaus, e seria, segundo a Sociedade Brasileira de Geofísica, “suficiente para abastecer toda a população do mundo por, pelo menos, 300 anos” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOFÍSICA, 2010, p. 5).

<sup>4</sup> Em entrevista ao jornal *Gazeta de Santarém*, em 2013, o então agente distrital de Alter do Chão declarou que havia apenas três microsistemas de água para atender a toda a população local.

O crescimento populacional e a expansão imobiliária têm provocado pressões crescentes sobre o ambiente em Alter do Chão, que sofre com desmatamento, poluição e assoreamento de cursos d'água. Visando à conservação do meio, diversos debates têm sido travados entre o poder público, a comunidade local, pesquisadores e a sociedade civil organizada desde os anos 1990. Os diferentes setores vêm buscando instrumentos legais disponíveis para a proteção do ecossistema local (RÊGO, 2003).

*Orla de Alter do Chão.  
Foto: Alexandre Rocha, 2016*



Nesse contexto foi criada a Área de Proteção Ambiental (APA) de Alter do Chão.

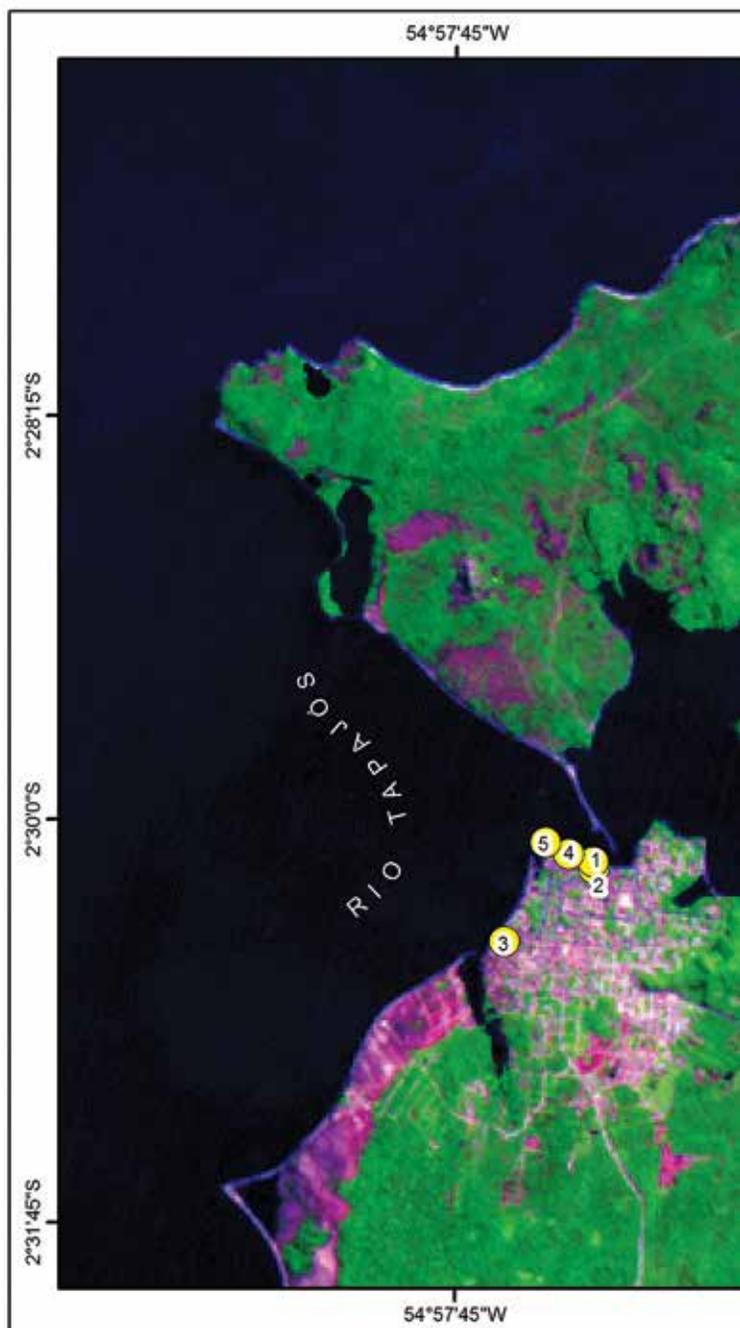
A APA Alter-do-chão foi criada pelo Decreto Lei nº 17.771 de 02 de Julho de 2003 e compreende uma área de 16.180 ha. É parte integrante da Gleba Mojuí dos Campos com o seguinte memorial descritivo: o limite sul coincide com a divisa entre os Municípios de Santarém e Belterra, partindo do ponto PD-10, situado às margens do lago Jurutuí, à foz do igarapé Jurutuí de coordenadas geográficas aproximadas: latitude  $02^{\circ}32'58''S$  e longitude  $54^{\circ}58'08''Wgr$ , e no limite norte coincide com a margem direita do rio Tapajós no ponto PD-01, de coordenadas geográficas aproximadas: latitude  $02^{\circ}32'58''S$  e longitude  $54^{\circ}58'08'' Wgr$ , totalizando um perímetro aproximado de 67.393,10 m (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM).

O objetivo da APA foi ordenar a ocupação das terras, de modo a promover a proteção da diversidade biológica, dos recursos hídricos e do patrimônio natural com vistas a assegurar o caráter sustentável da ação antrópica na região. No dia 6 de dezembro de 2012, o Conselho Gestor da APA Alter do Chão aprovou seu Plano de Uso (PU).

## Mapa da festa

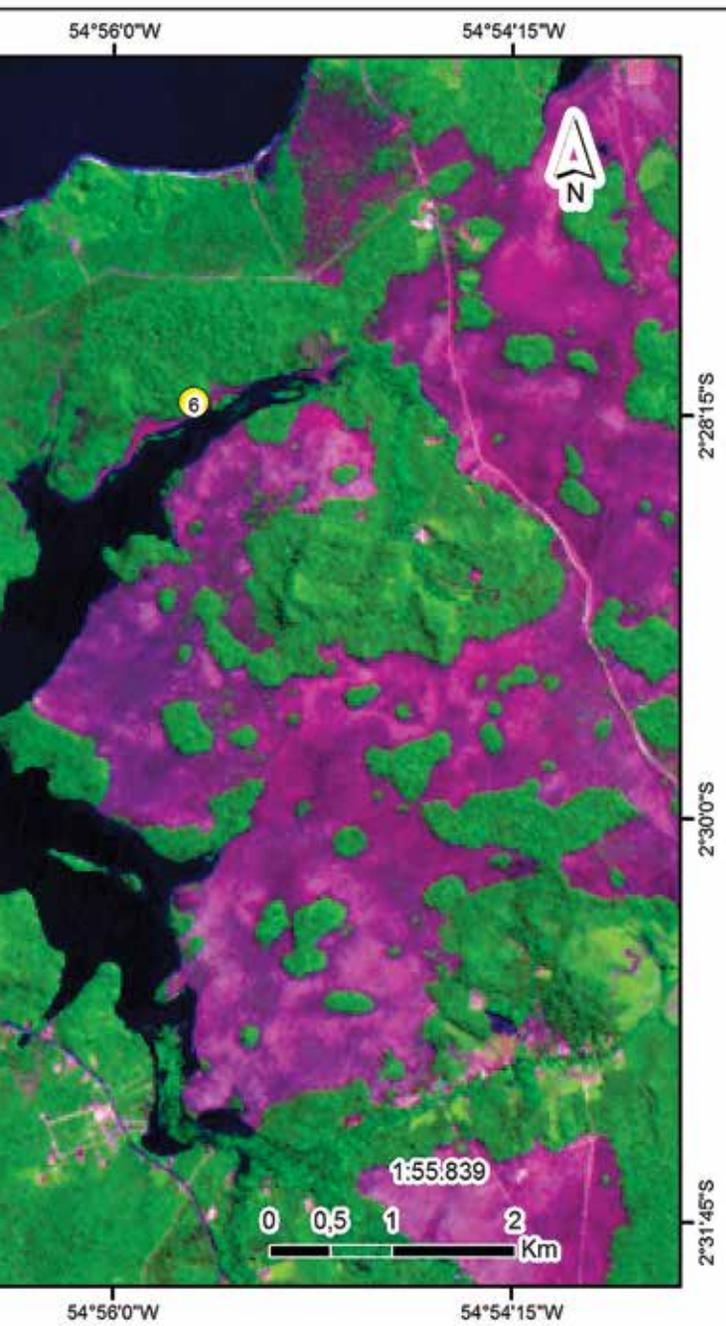
A praça do Sairé é um dos lugares mais importantes para os moradores de Alter do Chão, pois nela ocorrem diversos eventos que movimentam a vida local, além da própria festa

## LOCALIZAÇÃO DE ESPAÇOS



que lhe dá o nome. Sua construção data de 1997, quando, com a introdução das apresentações dos botos na programação do Sairé, o público cresceu muito e a festa precisou ser transferida da pequena praça 7 de Setembro, onde era realizada tradicionalmente.

## UTILIZADOS NA FESTA DO SAIRÉ



- 1 - Praça de N. Sra. da Saúde
- 2 - Igreja de N. Sra. da Saúde
- 3 - Praça do Sairé
- 4 - Primeiro Barracão do Sairé
- 5 - Praia da Gurita
- 6 - Lago do Macaco

Datun SAD 69  
Zona 21 Sul  
M.C. 57° WGr

Dados do satélite:  
Landsat 5 TM  
Data de passagem: 01/02/2012

*Mapa dos locais percorridos  
pela festa do Sairé.  
Autor: Igor Montiel, 2012.*

O governo do estado tomou a iniciativa de construir a nova praça a fim de dotar Alter do Chão de um espaço de lazer de uso permanente e que pudesse receber adequadamente as

atividades folclóricas e culturais da comunidade. O projeto inicial da obra não foi concluído, e a praça não chegou a receber a infraestrutura prevista, mas, mesmo assim, passou a ser usada frequentemente como sede de eventos culturais,



*Frente do barracão.  
Foto: Alexandre Rocha, 2012*

religiosos e esportivos. Além disso, passou a cumprir um papel importante na economia local, pois muitos vendedores a utilizam para instalação de barraquinhas, nas quais vendem produtos para o público daqueles eventos.

Durante a festa do Sairé, a praça torna-se o centro de Alter do Chão, agregando as atividades rituais e os espetáculos de música e dança que integram a celebração. Porém, o espaço festivo tanto se expande para além dos limites da própria praça como também se subdi-

vide internamente, demarcando fronteiras entre lugares diferenciados dentro dela.

Compreendido amplamente, pode-se dizer que o espaço festivo do Sairé alcança bairros da cidade de Santarém, comunidades ribeirinhas do Tapajós e aquelas situadas na Rodovia Everaldo Martins, além de chegar a outras cidades e estados (sobretudo o Amazonas). Nesse sentido, a praça é apenas o eixo de um amplo circuito festivo.

Por outro lado, o local é subdividido em diferentes espaços associados a formas específicas de participação e experiência na celebração. Entre os espaços peculiares da praça assinalam-se o barracão, que é o local dos ritos, e o lago dos Botos, que concentra as apresentações dos botos e de outros grupos folclóricos.

No barracão — compreendendo seu interior e o entorno — se executam rezas, ladainhas e outros ritos que nativos e pesquisadores recorrentemente qualificam como religiosos, mas que, em outros tempos, justificaram a proibição da festa pela Igreja Católica de 1943 a 1973. Ele é fundamentalmente um ambiente regido pelo ritual oral, um espaço privilegiado de encontros entre os humanos, e entre eles e as divindades. É, ao mesmo tempo, lugar de



*Barracão.*  
*Foto: Diane Cardoso, 2012*

estabelecimento de vínculos de solidariedade e fé, um ambiente de sociabilidade festiva que afirma a sacralidade da festa na vitalidade dos laços humanos, desfazendo a vulgar dicotomia sagrado-profano.

O barracão do Sairé remete ao antigo modelo da ramada, típico das festas de santo no interior da Amazônia: uma edificação simples e de caráter temporário, que precisa ser refeita a cada ano. A origem da ramada remonta ao fato de a Igreja Católica não reconhecer as celebra-

ções populares como parte de sua liturgia, evitando ou proibindo sua realização no interior das capelas e, assim, induzindo os festeiros a providenciarem abrigo para execução de ladinhas e folias para os santos. Logo, até hoje a expressão local “festas de ramada” é muito usada pelos mais idosos para se referir a festas de santo em geral, ou àquelas que contam com um barracão.

Conta-se que o primeiro barracão do Sairé era uma cabana feita de palha localizada em frente ao atual Posto de Saúde da Vila de Alter do Chão. Ao contrário do que acontece agora, ele não era desmontado após a celebração, e era utilizado também em outras festas de santos: em março, na festa de São José; e em junho, na festa de Santo Antônio. Em 1943, quando a

Igreja Católica restringiu a realização da Festa do Sairé, o primeiro barracão foi desativado, restando apenas a memória dessa edificação. Em 1973, o Sairé voltou a ocorrer e o barracão passou a ser montado e desmontado ano a ano. Desde 1997, o barracão é organizado no centro da praça do Sairé.

Trata-se de uma edificação simples, erigida com materiais extraídos das matas do entorno da vila. Ele tem apenas esteios, flechal, cumeeira e travessas que são enfeitadas com arcos feitos com cipós grossos e maleáveis como o cipó-de-macaco, que é flexionado e posicionado de modo a ligar um esteio do barracão ao outro. A estrutura é recoberta com palha, cipó e envira — fibra da casca de árvore, bastante resistente —, e ornamentada com murta, bandeirinhas e balões coloridos. O arco na entrada do barracão é coberto por uma planta chamada “vassourinha” e amarrado com uma envira. Tal qual uma porta, ele funciona como uma espécie de fronteira que separa e distingue “dois mundos” — de dentro e de fora do barracão.

Através do arco se efetuam, simbolicamente, a comunicação e a passagem entre o mundo profano e o mundo sagrado da festa.

O barracão é dividido em dois espaços: um, na parte de trás, destinado à cozinha e à despensa; outro, na parte frontal, que é um “salão” onde fica, sobre uma mesa forrada com toalha branca, o “trono”. Reproduzindo em menor escala o próprio barracão, esse trono é confeccionado em fibra de buruti, coberto com TNT azul e tem testeiras confeccionadas com papel de seda vermelho. Por dentro é forrado de branco, com delicados cortes triangulares, e recebe pequenas correntes coloridas de papel de seda. Um enfeite chamado “balão” é preso bem no centro do teto do trono. Dentro dele repousa o “santo”. O santo é a própria coroa da

*Trono.  
Foto: Alexandre  
Rocha, 2012*





*Barraquinha de vendas na praça.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*

Santíssima Trindade, da qual pendem fitas coloridas que unem os homens ao divino durante o ritual do “beija-fita”.

No entorno da edificação, na praça do Sairé, erguem-se dois mastros (um dos homens e um das mulheres) enfeitados com frutas e bandeiras, uma branca e uma vermelha, sinalizadas com a imagem da pomba que representa o Divino Espírito Santo. Veículos de agradecimento e símbolos de fartura, os mastros são reverenciados

em rituais orais e musicais que ligam os espaços de fora e de dentro do barracão, do céu e da terra.

Circundando a praça são montadas barraquinhas de comidas regionais e bebidas, e outras de brinquedos e jogos para crianças. Muitos visitantes se aglomeram nessa área antes ou depois de participar de momentos específicos da festa, ou para assistir ao movimento enquanto comem, bebem, conversam e ouvem as músicas que tocam nas próprias barracas após o encerramento dos ritos do barracão.

Um pouco mais afastado está o Lago dos Botos, que foi construído especialmente para a realização do Festival dos Botos Tucuxi e Cor-de-Rosa e de shows musicais de artistas locais, regionais e nacionais. Esse espaço é dotado de uma área central no chão (onde se



fazem as apresentações) e de arquibancadas, camarotes, banheiros, locais para imprensa e para jurados, além de uma área para serviço de refeições. Marcado principalmente pela visualidade e plasticidade das expressões que abriga, o Lago dos Botos é caracterizado como um espaço de espetáculos, e, por oposição ao barracão (que é considerado um espaço sagrado por abrigar os chamados ritos religiosos do Sairé), nativos e pesquisadores costumam qualificá-lo como profano.

Vale ressaltar que, embora a festa do Sairé ocorra principalmente nos espaços mencionados, alguns marcos naturais de Alter do Chão são fundamentais para a celebração, principalmente em suas fases preparatórias, que geralmente atraem número menor de participantes —

*(Acima) Barraquinha de vendas na praça.*

*Foto: Claudia Seixas, 2011*

*(À direita, alto) Preparação do Lago dos Botos.*

*Foto: Diane Cardoso, 2012*

*(À direita, embaixo) Lago dos Botos.*

*Foto: Diane Cardoso, 2012*

na maioria, devotos e organizadores. O lago Verde e a praia da Gurita são exemplos desses espaços. É no entorno do lago que os organizadores da festa cortam os troncos de árvores que servem de mastros na celebração. Estes, por sua vez, repousam na praia da Gurita desde o sábado que antecede a festa até que a procissão venha buscá-los na quinta-feira subsequente e conduzi-los para os ritos de abertura na praça do Sairé.



# A hierarquia festiva

Como ocorre na maioria das festas de santo na Amazônia e em outras celebrações do Divino Espírito Santo no Brasil, a festa do Sairé de Alter do Chão apresenta um conjunto de personagens alusivos a situações de contato que as sociedades locais mantiveram com europeus a partir do século XVI. Intensas trocas simbólicas certamente estão na base da organização dessas festas, e, no caso do Sairé, os festeiros provavelmente atualizam representações nativas das hierarquias reais e militares

dos colonizadores, ao mesmo tempo que reenchem elementos próprios do meio e da vida local, configurando, assim, uma hierarquia festiva particular.

Essa hierarquia festiva, por sua vez, mantém e é mantida por complexas operações que se traduzem em discursos articulados em torno de ideias de tradição que pretendem subsidiar a festa em si mesma e orientar as diversas formas de participação dos indivíduos. Vale ressaltar, nesse aspecto, que vários dos personagens atuais parecem ter tido em 1973 o marco de sua entrada na festa do Sairé. Assim, múltiplas narrativas da tradição concorrem para o



*(À esquerda) Rito na derrubação dos mastros. Foto: Carlos Matos, 2012  
(À direita) Dramatização da procissão do Sairé no Festival dos Botos. Foto: Alexandre Rocha, 2012*



cumprimento das obrigações que cada um assume para com a realização cíclica da festa — mesmo que o teor de suas funções se altere com o passar do tempo — em uma renovação continuada do compromisso diante da coletividade.

## Capitão

Inicialmente esse personagem era responsável por manter a ordem na celebração, servindo-se de sua autoridade para “prender” com folhas de mangueira aqueles que apresen-

tassem comportamento inadequado dentro do barracão. Como essa função está em desuso, atualmente o capitão, empunhando uma espada, exerce papel de comando em etapas cruciais da “parte religiosa” do Sairé, especialmente nas procissões e na bênção dos mastros.

*Seu Camargo, capitão.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*





*Silvert Abrão e Canuto  
Lobato, alferes.  
Foto: Carlos Matos, 2012*

## Alferes

Os dois alferes são os homens responsáveis pela condução das bandeiras do juiz e da juíza nos ritos do barracão e nas procissões.



## Saraipora

A saraipora é a personagem que carrega o símbolo do Sairé durante a procissão. Diz-se ser responsável por distribuir entre os demais as bênçãos do Espírito Santo.

## Moça-da-fita

As duas moças-da-fita devem ser escolhidas entre “moças puras” (virgens) da comunidade. Em geral são meninas ou adolescentes,

*(No alto) Maria Justa, saraipora.*

*Foto: Claudia Seixas, 2011*

*(À direita) Moças-da-fita.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*

selecionadas periodicamente, as quais se vestem de branco nos festejos, representando a pureza. Segundo Ferreira (2008), tais personagens só foram introduzidas no Sairé em 1997. Caminhando junto da saraipora na procissão, seguram quatro fitas (duas cada moça) que pendem da ponta mais alta da cruz do Sairé.





## Troneira

Caminha ao lado de uma moça-da-fita na procissão e, no ritual do beija-santo ou beija-fita, é ela quem recebe, simbolicamente, os devotos. É a zeladora da coroa e do símbolo do Sairé, cuidando de conduzi-los ao salão para os ritos e de guardá-los na despensa ao seu término. E zela também pelas varinhas dos mordomos e mordomas.

*(No alto) Troneira.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*

*(À direita) Francisco Vieira, juiz.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*



## Juiz e juíza

Juiz e juíza são personagens centrais nas festas de santo no Baixo Amazonas, especialmente naquelas que têm a tradição do mastro, motivo pelo qual muitas vezes são referidos como juiz e juíza do mastro. Na maioria delas, cumprem a função por um ano, isto é, um ciclo festivo. Em algumas festas, por exemplo, aquele ou aquela que pega a bandeira (que está no topo do tronco) após a derrubada do

mastro é que assume o papel de juiz ou juíza no ano subsequente. O mesmo acontecia na Festa do Sairé, mas, depois da “retomada”, em 1973, os organizadores decidiram pela escolha antecipada do juiz e da juíza. Atualmente, como a festa é custeada com recursos provenientes de fora da comunidade, aos juízes cabem funções de organização dos trabalhos em torno do barracão, além da participação na execução dos “ritos religiosos”.



## Procurador e procuradeira

O procurador e a procuradeira são responsáveis pela ornamentação da festa e ajudam na construção do barracão. Havendo necessidade, atuam como substitutos do juiz e da juíza.

*Maria Benvinda,  
procuradeira.  
Foto: Cláudia Seixas, 2011*



*Rezadeiras.  
Foto: Carlos Matos, 2012*

## Rezadeiras

São as responsáveis por entoar as rezas e ladainhas durante as celebrações.





*(À esquerda, no alto e embaixo) Mordomos e mordomas na bênção do mastro.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*

*(No alto) Foliões.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*

## Mordomos e mordomas

Nove homens e nove mulheres atuam como mordomos e mordomas, e são responsáveis pela ornamentação do barracão e por ajudar o juiz e a juíza em vários momentos da festa. Antigamente, eram conhecidos como “escravos” do santo ou da corte. Atualmente, são zeladores do barracão e ajudam na preparação dos comes e bebes que são servidos durante a festa.

## Foliões

São responsáveis pela execução das folias entoadas para os santos durante os ritos religiosos do Sairé. Tocando caixas e outros instrumentos de percussão, acompanham a procissão, a bênção do mastro e as rezas.



## Grupo Espanta Cão

Trata-se de um grupo de músicos de Alter do Chão, todos eles foliões da festa do Sairé — embora nem todos os foliões sejam componentes do grupo. Segundo se conta na vila, o nome do grupo alude à cruz formada pelo arco de madeira ao friccionar as cordas do violino, cujo toque é supostamente responsável por espantar os maus espíritos e abrir os caminhos para a festa do Sairé. Nessa versão, as notas emitidas pelo violino funcionariam como uma espécie de benzeção. Há, porém, quem diga não passar de “uma lenda” essa versão da origem do nome do grupo.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Em outras regiões da Amazônia, especialmente no Acre, encontra-se o instrumento chamado “espanta cão”, que é feito de madeira em forma de cruz.

*Espanta-Cão.  
Foto: Carlos Bandeira  
Júnior, 2012*

O fato é que o Espanta Cão acompanha todas as etapas rituais da festa, além de comandar a execução musical em apresentações de danças folclóricas e nos momentos de mais descontração, especialmente no encerramento da festa. Nos últimos anos o grupo também tem atuado para além da festa, apresentando-se em bares e eventos locais.

Além dos personagens rituais, a festa do Sairé envolve muitos participantes que, nos bastidores, contribuem muito para sua realiza-

ção, por exemplo: a despenseira, a quem cabe a tarefa de cuidar da boa repartição dos alimentos durante os dias da celebração; o cozinheiro, que tem a responsabilidade direta pelo preparo das refeições dos festeiros; e a cafeteira, que faz o café da manhã nos dias de festa.

*Crispiana Vieira, despenseira.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*

Há ainda pessoas que se dedicam aos aspectos econômicos, administrativos e burocráticos indispensáveis para realização da festa, na condição de membros da Comissão Organizadora e Coordenadora do Festival Folclórico do Çairé. Chamada simplesmente de Coordenação da Festa, essa entidade privada sem fins lucrativos, sediada em Alter do Chão, compõe-se de membros eleitos pela comunidade local que organizam a programação da festa, tanto a “parte religiosa” quanto a “profana”.



# Ciclo festivo

## Busca dos mastros/ tiração dos mastros

A busca dos dois mastros utilizados na Festa do Sairé é realizada em forma de cortejo flúvio-terrestre no sábado anterior à celebração. Nessa etapa preparatória dos festejos participam principalmente os festeiros e organizadores, mas também alguns moradores de Alter do Chão e de outras localidades de Santarém. Embora não

integre a festa propriamente dita, a busca dos mastros é um momento especial, marcado por ritos de devoção, sociabilidade, comensalidade e, também, por muita música e brincadeira. O ritual tradicionalmente é iniciado de manhã cedo na casa de Seu Silvito Malaquias,<sup>1</sup> onde todos os personagens dos ritos religiosos do Sairé se reúnem para tomar um café da manhã comunitário e organizar a procissão de busca do mastro.

A procissão sai pelas ruas de Alter do Chão, tendo à frente a saraipora, que conduz o Sairé (o símbolo que representa a Santíssima Trindade). Ao lado dela, seguem as moças-da-fita; a juíza, carregando a coroa; os alferes com as bandeiras que representam os juízes;



(À esquerda) Café da manhã na busca dos mastros.  
Foto: Carlos Matos, 2012  
(À direita) Procissão fluvial de busca dos mastros.  
Foto: Carlos Matos, 2012

<sup>1</sup> Fundador do grupo Espanta Cão e um dos foliões mais idosos em atividade na festa.





e as mordomas e os mordomos enfileirados atrás de suas respectivas bandeiras. Moradores e visitantes acompanham o cortejo até a beira do rio, onde personagens e organizadores da festa passam para um barco que os conduzirá à outra margem do lago Verde para apanhar os mastros.

*Procissão fluvial de busca dos mastros.  
Foto: Carlos Matos, 2012*



*Catraias na  
busca dos mastros.  
Foto: Carlos Matos, 2012*

Os demais seguidores do cortejo têm a opção de embarcar em catraias (pequenas embarcações a remo) muito enfeitadas com fitas coloridas, as quais são amarradas umas às outras e puxadas pelo barco principal. O percurso do cortejo é animado pelo toque de folias



*Procissão fluvial de  
busca dos mastros.  
Foto: Claudia Seixas, 2012*





*Foliões na busca  
dos mastros.  
Foto: Carlos Matos, 2012*



*Procissão fluvial de busca dos mastros.  
Foto: Claudia Seixas, 2012*

Ao chegar à outra margem do lago, mordomos e mordomas entram na mata para pegar seus respectivos mastros.

O local exato de retirada dos troncos pode variar anualmente. Na verdade, no dia da

procissão de busca, os troncos já estão previamente cortados,<sup>2</sup> cabendo aos festeiros apenas recolhê-los na mata. Ainda assim, devido ao peso das toras, a tarefa é trabalhosa e envolve muitas pessoas que, no entanto, o fazem com imenso prazer e em meio a brincadeiras.

<sup>2</sup> Sobre esse ritual, Tenório (2012, p. 48) destaca ainda que “no lugar da tora extraída, outra é plantada como proposta de conscientização do reflorestamento por parte dos devotos”.





(À esquerda) Mulheres recolhendo o mastro.  
Foto: Claudia Seixas, 2011  
(No alto) Mulheres recolhendo o mastro.  
Foto: Carlos Matos, 2012

Retirados os troncos, eles são limpos e carregados pelos homens ou pelas mulheres (cada grupo em separado), que os conduzem até a vila, amarrados à embarcação. A procissão fluvial desembarca na praia da Gurita, onde os

mastros ficarão guardados até serem levados para a praça do Sairé para serem enfeitados.

O percurso de volta da procissão é acompanhado pelas catraias e é festejado com fogos de artifício e tarubá. Quando se retorna ao ponto de partida, canta-se a folia *Já chegamos nesta casa*.

Já chegamos ô nesta casa (bis)  
Pela porta principal (bis)  
Adorando Nossa Senhora (bis)  
Que está posta no altar (bis)





*(À esquerda, no alto e embaixo)*

*Homens no retorno da  
busca dos mastros.*

*Foto: Claudia Seixas, 2011*

*(No alto) Retorno da  
busca dos mastros.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*



## Abertura da festa/levantação dos mastros

A levantação dos mastros ocorre no âmbito dos rituais realizados no barracão na quinta-feira de abertura da festa do Sairé. No início da cerimônia os personagens e os símbolos principais da festa são abençoados pela figura do capitão, que faz o sinal da cruz empunhando sua espada.

*(No alto) Bênção do capitão.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*

*(À direita, no alto) Padre José*

*Cortes na celebração de abertura da festa.*

*Foto: Claudia Seixas, 2011*

*(À direita, embaixo) Devotos na celebração de abertura da festa.*

*Foto: Claudia Seixas, 2011*

Após a bênção, todos entram de forma ordenada no barracão, ao som das folias entoadas aos santos. Em seguida, passa-se à celebração religiosa de abertura da festa do Sairé, que, além dos festeiros e da comunidade local, reúne autoridades, imprensa, visitantes de Santarém e turistas.





Destaque-se que só após a reaproximação dos padres e da comunidade festeira tornou-se possível a introdução da missa na programação do festejo. Nos últimos anos, com a paróquia local sob o comando do padre José Cortes, passou-se mesmo a noticiar na imprensa uma série de referências à “tradicional missa” que ocorre na “abertura oficial” do Sairé – na verdade, não se trata de uma missa, mas da bênção de abertura que o padre preside. Em 2011, o noticiário local registrou a presença de dom Esmeraldo Barreto de Farias (bispo emérito de Santarém) nessa celebração, e destacou tratar-se da primeira vez que um representante da prelazia do município participava da abertura da festa.

Terminada a celebração religiosa, os festeiros vão recolher os mastros que foram deixados, no sábado anterior, na praia da Gurita. Da praça até a praia, organiza-se um cortejo no qual as mulheres se alinham na fila das mordomas, e os homens na fila dos mordomos. Chegando à praia, os grupos dos homens e das mulheres recolhem os respectivos mastros e carregam-nos nos ombros de volta à praça, dessa vez em um cortejo animado pelo toque de folias.

Após um momento dedicado a pronunciamentos das autoridades locais, municipais e representantes dos grupos organizadores da festa e das associações locais, todos se dirigem para o local específico na praça onde os mastros serão fincados. Inicia-se a agitada tarefa de ornamentação dos mastros com plantas e frutas e, no topo, com uma garrafa de bebida alcoólica e uma bandeira – uma branca, no mastro da juíza; e outra vermelha, no mastro do juiz, sendo ambas caracterizadas com o símbolo do Divino Espírito Santo. Os homens trabalham na preparação do mastro do juiz, e as mulheres, no da juíza.

Enfeitados os mastros, dá-se início à levantação, sempre se mantendo a separação entre homens e mulheres. Inicia-se uma intensa e animada disputa entre ambos os grupos, que tentam erguer cada qual o seu mastro, contando com o incentivo dos presentes, que torcem e gritam.

*(No alto e embaixo) Procissão para recolher o mastro na abertura da festa.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*





*(À esquerda, no alto)*  
Mulheres enfeitando o mastro.

Foto: Carlos Matos, 2012

*(À esquerda, embaixo)*

Homens enfeitando o mastro.

Foto: Claudia Seixas, 2011

*(No alto)* Homens enfeitando o mastro.

Foto: Carlos Matos, 2012



(À esquerda) Mulheres  
levantando o mastro.  
Foto: Carlos Matos, 2012  
(Abaixo) Homens  
levantando o mastro.  
Foto: Carlos Matos, 2012

Sai vitorioso da disputa aquele que levantar o mastro mais rápido. Por fim, os personagens se organizam para a procissão de bênção dos mastros. Nesse ponto do ritual, os personagens dão volta ao redor dos mastros, seguindo para o barracão para o fim da celebração com uma refeição comunitária.



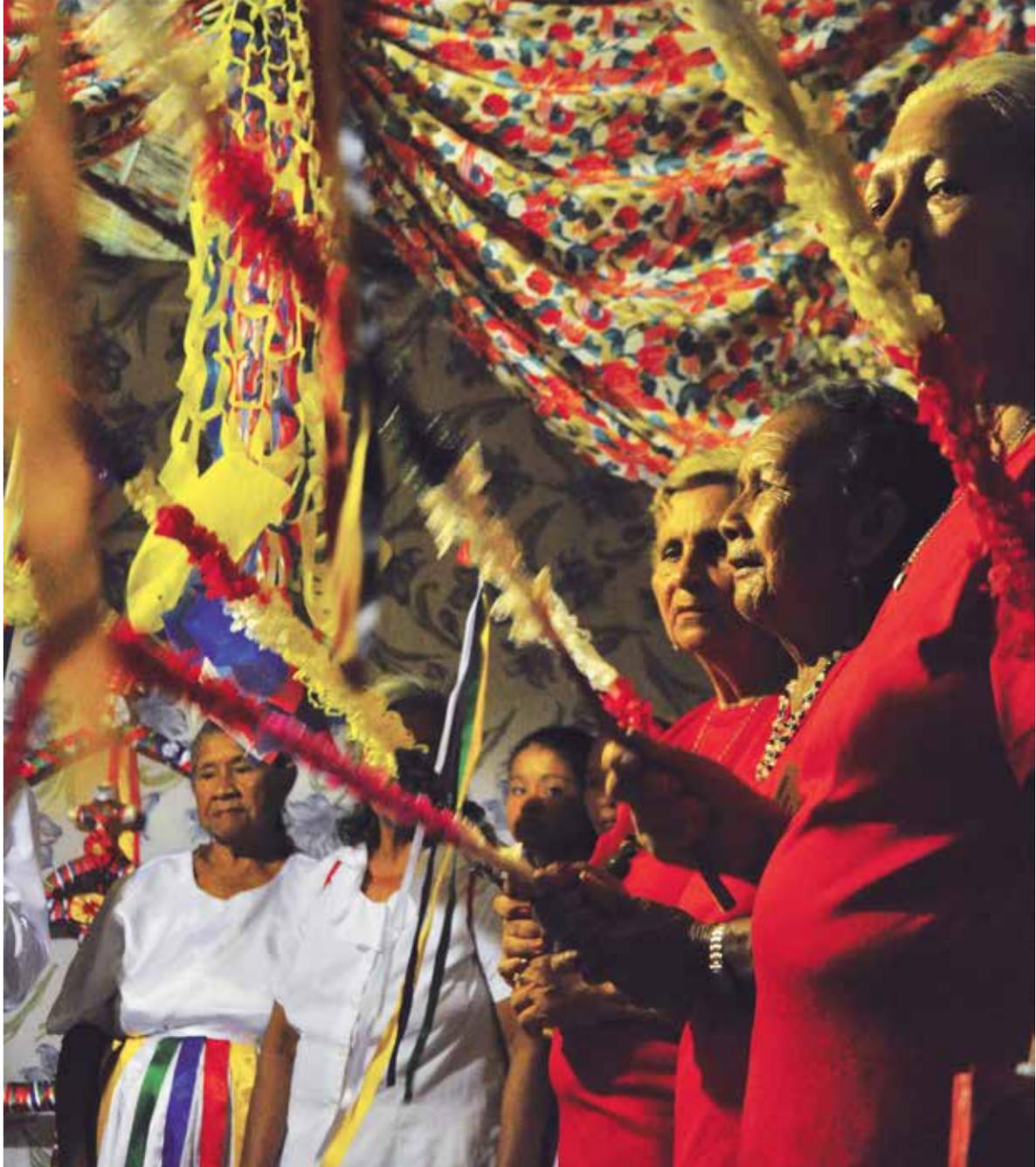




*(À esquerda)*  
*Refeição comunitária na*  
*abertura da festa.*  
*Foto: Claudia Seixas, 2011*  
*(No alto)*  
*Refeição comunitária na*  
*abertura da festa.*  
*Foto: Carlos Matos, 2011*

A partir da abertura da festa, os agentes rituais do Sairé reúnem-se todos os dias. Idealmente, conforme a tradição, são previstos três encontros diários, sempre no barracão: o primeiro ao amanhecer, para o rito de alvorada;

o segundo, ao meio-dia; e o terceiro, às 19 horas, para a cerimônia em louvor ao Divino. O que se nota, porém, é que nem todos os festeiros comparecem a esses três momentos. O momento que se destaca, efetivamente, e atrai todos os participantes para a festa, é o rito diário das 19 horas, comumente chamado “rito religioso”.



## Rito religioso

Entende-se por rito religioso — em oposição às apresentações dos botos e dos grupos musicais e folclóricos — o conjunto de atos cerimoniais realizados em louvor ao Divino Espírito Santo no interior e no entorno do barracão, especificamente em volta dos mastros. Esse rito compõe-se de cânticos, rezas e ladainhas, além da bênção dos mastros.

*(No alto)*  
*Rito religioso.*  
*Foto: Carlos Matos, 2012*  
*(À direita, no alto)*  
*Rito religioso.*  
*Foto: Carlos Matos, 2012*  
*(À direita, embaixo)*  
*Bênção do mastro.*  
*Foto: Carlos Matos, 2012*

A bênção dos mastros é o momento em que os festeiros formam uma espécie de procissão que sai do barracão e contorna os mastros três vezes, ao som das folhas.





Na saída do barracão o capitão abençoa cada festeiro, empunhando uma espada e invocando a Santíssima Trindade. Depois de circular três vezes em torno dos mastros, ao som das folias, o grupo retorna ao interior do barracão e recomeça o ritual de louvor ao Divino Espírito Santo, que fica a cargo das rezadeiras.

Antes do encerramento do rito religioso ocorre o beija-fita ou beija-santo, quando os devotos e o público em geral reverenciam a Coroa do Divino Espírito Santo e beijam as fitas que a ornamentam.

*Beija-fita.  
Foto: Carlos Matos, 2012*

É muito comum que esse conjunto de atos cerimoniais seja representado como a “parte sagrada” ou a “parte religiosa” da festa, seja por festeiros, devotos, pesquisadores, jornalistas ou autoridades locais. Ao fazê-lo, os sujeitos frisam o caráter dos ritos por contraste com o que entendem como a “parte profana” da festa, a qual estaria associada aos botos e shows.



*Cecuiara.*  
*Foto: Carlos Matos, 2012*

## *Cecuiara*

No último dia de festejos, o domingo, acontece a cecuiara, uma celebração que toma a forma de um almoço ritual no qual os personagens da festa confraternizam e dão graças ao

Divino e aos santos pela festa concluída. Trata-se de um almoço mais farto que o normal, no qual os juízes são especialmente servidos. A mesa da cecuiara é arrumada dentro do barracão e, embora os pratos sejam servidos individualmente, a farinha de mandioca é disposta sobre ela em pequenos montes de onde os festeiros se servem.



Os foliões acompanham tudo, tocando folias, e só almoçam quando os outros terminam de fazê-lo. Festivamente, batem os talheres nos pratos e entoam o a folia *Deus te pague, irmão de-voto*, enquanto a rodeiam.

*Foliões na cecuiara.  
Foto: Carlos Matos, 2012*

Deus te pague santa casa  
Ai, pela hóstia que nos deu  
Oh, Senhor Dono da casa  
Oh Deus dará a Salvação

Nesse almoço, o coordenador da festa faz discursos de agradecimento e indaga os festeiros sobre sua disponibilidade e vontade de permanecer nos cargos que ocupam no ano seguinte. Esse é o momento de entrega dos cargos, caso o sujeito não possa (geralmente por motivos de saúde e em função da idade avançada de alguns) ou não deseje mais assumi-lo.



Cecuiara.  
Foto: Carlos Matos, 2012

## Encerramento da festa/varrição/ derrubação dos mastros

O encerramento da festa do Sairé ocorre sempre na segunda-feira, iniciando-se pela manhã com uma celebração religiosa e seguindo com a “varrição” e a derrubação dos mastros. Trata-se, enfim, de uma espécie de festa dentro da festa

principal, pois o dia é especialmente vivenciado pelos participantes em uma série de atividades que são executadas de maneira muito alegre.

A derrubação dos mastros é feita em forma de disputa entre homens e mulheres. O rito começa com dois representantes, um do juiz e outro da juíza, que sobem nos mastros para arrancar as frutas penduradas e retirar a bandeira colocada no topo. Como prêmio, ambos recebem uma garrafa de cachaça que fica presa junto com a bandeira.

*Retirada das frutas e bandeiras.  
Foto: Carlos Matos, 2012*









*(À esquerda) Retirada da bandeira.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*

*(No alto) Início da derrubação do mastro.*

*Foto: Claudia Seixas, 2011*

Em seguida, os dois grupos se organizam nas respectivas filas, sob comando de juízes e juízas, os quais têm direito a dar o primeiro golpe de machado, cada qual no seu mastro. São, então, seguidos pelos demais festeiros de acordo com a posição na hierarquia ritual, e, depois, podem ser ajudados por outros homens e mulheres presentes.





*(À esquerda, no alto)*

*Devotos na derrubação do mastro.*

*Foto: Cláudia Seixas, 2011*

*(À esquerda, embaixo e no alto)*

*Derrubação do mastro.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*

Cada golpe dado no mastro enseja uma nova comemoração, e a animação dos grupos cresce à medida que o tronco oscila. Vence a disputa o grupo que derrubá-lo primeiro.



Na sequência da festa ocorre a “varrição”, quando todos seguem cantando e dançando junto aos foliões, de barraca em barraca, para receberem doações, inclusive de cachaça para ser colocada no tarubá.<sup>3</sup>

Finalmente, todos se dirigem para o barracão, onde se entregam à música tocada pelo grupo Espanta Cão e pelos foliões, e às danças, como quebra-macaxeira e desfeiteira. Nesse momento, o tarubá é servido gratuitamente aos presentes — com ou sem cachaça. Em uma espé-

<sup>3</sup> Coloca-se cachaça em parte do tarubá para aumentar o teor alcoólico da bebida. Outra porção da bebida é preservada sem esse acréscimo.

*(No alto) Varrição do Sairé.*

*Foto: Carlos Matos, 2012.*

*(À direita, no alto)*

*Encerramento da festa no barracão.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*

*(À direita, embaixo)*

*Encerramento da festa no barracão.*

*Foto: Claudia Seixas, 2011*

cie de êxtase, o momento é marcado por expressões de alegria, gratidão e devoção.

Por fim, à noite, os barraqueiros que trabalharam durante os festejos fazem uma festa própria.



# Os ritmos da festa

O Sairé de Alter do Chão envolve um amplo repertório de práticas orais, musicais e de dança, que conferem aos diferentes momentos da festa alta carga dramática, ritmando a experiência e a expressão do sagrado na celebração. Sons e movimentos específicos, que assumem valor de tradição e forma ritualizada, intermedeiam promessas, bênçãos e agradecimentos por dons recebidos.

A transmissão dessas formas rituais de celebrar com o corpo e a voz se faz dos mais ido-

sos aos mais jovens, em ocasiões de sociabilidade festiva como encontros, ensaios e em outras celebrações do catolicismo popular que ocorrem em Alter do Chão e adjacências. De modo informal, como é próprio dos contextos orais e populares, o repertório musical e coreográfico é continuamente atualizado; transforma-se, ao mesmo tempo que preserva elementos antigos, remetendo à memória coletiva e à identidade cultural da comunidade local.

De outro lado, danças concebidas como parte do folclore de Alter do Chão foram introduzidas nos festejos a partir de 1973 e, apesar de serem originalmente executadas em contextos estranhos ao Sairé, passaram a integrar o núcleo considerado agregador das tradições da celebração. Algumas permanecem na festa até



*(À esquerda) Ensaio de danças no Centro de Convivência do Idoso.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*

*(À direita) Quebra-macaxeira.*

*Foto: Carlos Matos, 2012*





hoje; outras deixaram de ser praticadas; outras novas foram criadas nas últimas décadas.

As danças são acompanhadas por músicas próprias, executadas pelo grupo local Espanta Cão, composto por foliões do Sairé, que também participa de todas as etapas rituais da festa. Além das apresentações de danças folclóricas, o grupo é responsável por animar os festeiros nos momentos de mais descontração na festa, especialmente em seu encerramento. Porém, nos últimos anos, o Espanta Cão tem ganhado projeção além da festa do Sairé, sendo convidado para realizar apresentações em bares e eventos locais e regionais. O grupo se serve

*Dança do coco.  
Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012*

dos mesmos instrumentos de percussão usados nas folias do Sairé, acrescidos de pandeiro, afoxé, marimba, saxofone, cavaquinho, tarol, violão e rabeça ou violino.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Pelo fato de utilizarem instrumentos artesanais feitos de madeira e fibras naturais, grupos como o Espanta Cão são conhecidos na região como “conjuntos de pau e corda”. Também são usuais as expressões “música de pau e corda” e “festa de pau e corda”, nesse caso referindo-se normalmente às festas de santo tradicionais.

## Ladainhas e folias

Ladainhas e folias marcam e comandam as principais etapas da festa do Sairé, assim como nas demais festas de santo tradicionais da Amazônia. Elas estão presentes nos ritos do beija-fita, do agradecimento da mesa, da busca, da levantação, da bênção e da derrubação dos mastros, e integram o que os festeiros designam como a “parte religiosa” da festa, que acontece no barracão e no entorno dele.

As ladainhas são preces litúrgicas estruturadas na forma de invocações e súplicas a Deus, a Jesus Cristo, à Virgem e aos santos. Entoadas pelo(s) celebrante(s), alternam-se com respostas dos demais participantes do rito. No caso do Sairé, a reza realizada no barracão, ao fim de

cada dia, se estende por mais ou menos uma hora e constitui o ápice de sacralidade na festa. Esse rito tem um significado todo especial para muitos devotos, moradores de Alter do Chão, da cidade de Santarém e de outras localidades, que comparecem à praça do Sairé apenas para acompanhar as rezadeiras nas preces dirigidas ao Nosso Senhor, à Santíssima Trindade e à Virgem Maria.

As ladainhas entoadas nas antigas festas de santo da região são, em geral, compostas de versos em latim e português. O mesmo ocorre na festa do Sairé. Porém, trata-se, na verdade, de um latim aportuguesado e popularizado, certamente, a partir da catequização jesuítica.

Como explicou o padre José Cortes, da Paróquia de Alter do Chão, em entrevista ao jornal *Diário On Line*, de 16 de setembro de 2011, “o Sairé é uma novena de louvor a Deus, realizada em latim, como era feita pelos jesuítas na época da catequização dos índios, na Amazônia”. Ainda de acordo com o padre, após os jesuítas serem expulsos do Pará, em 1759, os moradores “estavam acostumados com o modo

*Ensaio de ladainhas.*  
*Foto: Carlos Bandeira Júnior,*  
*2012*



ensinado [...] e decidiram juntos que manteriam o ritual das ladainhas”, resistindo ao modelo de celebração em português trazido pelos novos padres que vieram para o estado. Desse modo, o latim das celebrações foi aportuguesado e transmitido de geração a geração na execução das ladainhas do Sairé e outras festas.

Em Alter do Chão, as preocupações com a preservação das tradições culturais locais e da festa do Sairé, em especial, levaram alguns moradores da comunidade a registrarem por escrito a ladainha própria da celebração, a fim de poderem ensiná-la aos mais novos.

Dominus me dei ajotarium  
Pra me entender  
Dominus jovanes, cristine

Glória ao pai, ao filho, ao espírito santo  
Sincudera no princípio, ed nunca  
Ed sempre, ed século, seculorum, amem.  
[Vem o espírito de luz  
O divino consolador  
Abrasa os nossos corações  
Nas chamas de teu amor]

Outra versão escrita da ladainha, supostamente registrada pela Igreja Católica, também estaria disponível aos moradores, mas afirma-se que é a primeira que se ouve na festa.

*Foliões no rito religioso.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*





*Toque das folias.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*

Dominus in adjutorium meum înténder  
Domine ad adjuvandum me festina  
Gloria patri, et filio, et spiritui sancto  
Sicut erat in principio, et nunc, et semper  
Et in saecula saeculorum, amen  
[Vem o espírito de luz  
O divino consolador  
Abrasa os nossos corações  
Nas chamas de teu amor]

Menos contidas que as ladainhas, mas  
não menos sagradas, as folias do Sairé louvam

o Espírito Santo e os santos. Elas são executadas pelos foliões e animadas por instrumentos de percussão como: caixa grande, feita de madeira e couro de boi; caixa pequena ou tarol; cheque-cheque ou reque-reque, feito de bambu e pedrinhas de chumbo; e reco-reco, feito também de bambu, com pequenos cortes que são friccionados por um pedaço de madeira.

Há folias específicas para diferentes momentos rituais, desde a busca dos mastros no sábado que antecede a festa, e o *tilintar* — um tipo de toque suave que os foliões dão nas caixas, mantendo a sonoridade festiva mesmo quando não cantam.

Dentro do barracão são cantadas as folias *Já chegamos nesta casa*, ao meio-dia, e *São João*, às 18 horas.

### São João

Glorioso São João  
Ai, glorioso São João  
Ai, Ele seja nosso guia  
Jesus Cristo é o rei da glória  
Filho da Virgem Maria  
Já se vai o alegre dia  
Já se vai o alegre dia  
Já se vem a triste noite  
Os anjos estão rezando

## Pai-Nosso e Ave-Maria

As folias *São Pedro* e *Três Marias* são entoadas na saída e no retorno ao barracão, respectivamente, no momento da bênção dos mastros, durante o chamado “rito religioso” que acontece por volta das 19 horas em cada dia de festa.

### São Pedro

São Pedro foi para Roma  
Encontrou Deus no caminho  
Ai, meus anjos  
Ai, meu Jesus  
Encontrou Deus no caminho  
Ah! Ah! Ah! Ah!  
Com que alegria tão grande  
Por ver seu mestre divino  
Ai, meus anjos  
Ai, meu Jesus  
Por ver seu mestre divino  
Ah! Ah! Ah! Ah!  
São José por ser mais velho  
Aprendeu a ser marceneiro

### Três Marias

Três Marias se vestiram  
Ai, se vestiram  
Ai, numa noite, ai, de luar  
Ai, numa noite, ai, de luar  
À procura do Senhor, ai, do senhor  
Que nunca lhe puderam achar  
Ai, nunca lhe puderam achar  
Foram achar Senhor em Roma, Senhor  
Em Roma  
Ai, residindo no Altar, ai, residindo  
Ai, no altar  
Com cálice de ouro na mão, de ouro  
Na mão

As folias animam a procissão de festeiros e devotos, que, nesse momento, dão três voltas em torno dos mastros do juiz e da juíza. No fim de cada “rito religioso” diário, no momento denominado beija-fita, os foliões entoam a folia *Sempre Louvemos*.

## Músicas e danças

Temerosos do desaparecimento das tradições locais, festeiros que promoveram a “retomada” do Sairé em 1973 incluíram na programação apresentações de músicas e danças como lundu, marambiré, desfeiteira, quebramacaxeira, valsa da ponta do lenço, camelu, curimbó, danças do tipiti e cruzador tupi, entre outras. O repertório atual é vasto, mas boa parte dele raramente é praticada ou simplesmente não o é mais. Acreditando que as músicas e danças tradicionais não atraem os jovens, alguns grupos escolares e de idosos tentam “resgatar o



*Grupo de dança  
Brincando de Sairé.  
Foto: Carlos Bandeira Júnior,  
2012*

folclore local” promovendo apresentações no Lago dos Botos nos dias da festa do Sairé.

Algumas danças agregadas ao Sairé em 1973 perduraram na celebração, como é o caso da desfeiteira e da quebra-macaxeira. Estas estão intimamente associadas aos ritos de encerramento da festa e agregam vários participantes, independentemente de vinculação a qualquer grupo organizado.

Grande parte das danças, no entanto, está em desuso, tendo desaparecido tanto da festa do Sairé quanto de outros eventos na comunidade. Hoje ocupam espaço apenas nas lembranças dos mais idosos o cruzador tupi, a valsa da ponta do lenço, o camelu e outras que não tiveram vida longa na celebração.

Outras manifestações foram criadas mais recentemente no bojo de iniciativas que visavam transmitir para crianças e jovens, por meio da música e da dança, a tradição e o modelo festivo da festa, que alguns julgam ameaçados em função das transformações socioculturais na comunidade. Brincando de Sairé e Cheiro do Sairé são dois exemplos dessas manifestações, na medida em que tematizam e dramatizam o próprio Sairé.

## Brincando de Sairé

Essa dança foi criada em 2003 por Olenice Vieira e Dalva Vieira, originalmente para animar a festa junina de Alter do Chão e ensinar às crianças sobre a tradição da festa do Sairé. Segundo o folião Osmar Vieira, a intenção didática daquelas senhoras se aplicava “tanto no aspecto religioso quanto no profano, pois nessa dança as crianças interpretam os personagens: o boto ho-



mem e o boto animal, a cabocla, a rainha do sairé, a rainha do artesanato, a rainha do lago verde, o curandeiro” (Entrevista INRC-Sairé concedida em 16/11/2012). Logo após a primeira apresentação da dança, o grupo foi convidado a participar regularmente da festa do Sairé.

## Camelu

Segundo Ferreira (2008), o camelu era uma antiga dança, normalmente executada após o retorno dos puxiruns (mutirões). O casal de dançarinos posicionava-se, “um de frente para o outro, com as mãos fechadas um para o outro, um seguro ao outro”, e movimentava-se para frente e para trás. Em 1973, o camelu passou a

*Grupo de dança  
Cheiro do Sairé.  
Foto: Carlos Bandeira  
Júnior, 2012*

ser apresentado na festa do Sairé, mas atualmente não é visto em sua programação.

## Carimbó

O carimbó é dançado em várias cidades e comunidades do Pará, e em 2014 foi registrado como patrimônio cultural pelo Iphan. No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Câmara Cascudo

*Grupo de dança  
Cheiro do Sairé.  
Foto: Carlos Bandeira  
Júnior, 2012*

define-o como uma “dança negra, brasileira, de roda” e descreve sua coreografia.

Num círculo de homens e mulheres, uma dançarina, às vezes ou comumente, vestida de baiana, vai para o centro, e baila, trejeitando, requebrando-se, com o acompanhamento de percussão (o carimbó, pandeiro, reco-reco e, ocasionalmente, instrumentos de corda)... O passo típico é a bailarina, num dado momento, volteando, enfunando violentamente as vestes, jogar a barra da saia sobre o parceiro mais próximo, cobrindo-o e causando hilaridade (CASCUDO, 2000, p. 245).

Na festa do Sairé de Alter do Chão, o carimbó é um componente fundamental do Festival dos Botos, além de ser quesito de avaliação na disputa entre eles. Grupos formados em comunidades próximas, bairros da cidade de Santarém e de Belterra são responsáveis pela execução da dança no festival. Vinculados a um ou outro boto, esses grupos têm organização própria e começam a ensaiar bem antes da festa. Sua indumentária é padronizada, assim como a coreografia composta de movimentos vigorosos executados em fileiras ou círculos.



## Cheiro do Sairé

O grupo de dança Cheiro do Sairé foi criado em 1987, segundo Ludinéia Gonçalves. No início, ela mesma criou a coreografia e assumiu todas as responsabilidades na organização do grupo: “roupas, acessórios, parte financeira, ensaio e até a música!” (Entrevista INRC-Sairé concedida em 17/12/2012) — revelou a entrevistada. Atualmente, os próprios brincantes se organizam para ensaiar e acrescentam passos diferentes à dança.

## Cordões de pássaros

Os cordões de pássaros constituem uma forma de expressão tradicional no norte do Brasil, encontrada também em regiões da fronteira entre o Pará e o Maranhão. É uma espécie de teatro popular que encena o drama da caçada, morte e ressurreição de um pássaro, que é o personagem central da brincadeira. A ele somam-se outros personagens como o caçador, fazendeiro, os matutos, os índios e os nobres.

Os cordões de pássaros foram comuns em bairros e comunidade de Santarém e de outros municípios da região do Baixo Amazonas, tendo desaparecido em muitos lugares, como ocorreu em Alter do Chão. Segundo Ferreira, o desaparecimento da brincadeira nessa vila aconteceu após a morte de Luiz Vieira, um senhor que “tomava frente das apresentações de pássaros e os ensinava em Alter do Chão” (FERREIRA, 2008, p. 118). Mesmo assim, referências às memórias dos cordões dos pássaros Rouxinol, Azulão, Tangará e Pipira Brasileira ainda são comuns entre os moradores mais idosos e aqueles envolvidos com os festejos do Sairé.

### Música do pássaro Pipira Brasileira

Apresentamos todos com prazer  
O passarinho que é o rei da simpatia  
A formosa brasileira  
Apresentamos com muita alegria  
Apresentamos todos com prazer

Em alegria é a nossa saudação  
Pedimos à plateia a gentileza  
Que nos aceite com muita atenção  
Senhores, boa noite  
Nós chegamos agora  
Pois já está na hora de apresentar  
Estão todos na espera da exibição  
Da nossa grande atração

Senhores, boa noite  
Nós chegamos agora  
Pois já está na hora de apresentar  
O grupo que está no coração do povo  
Sua fama nunca cairá

### Música do pássaro Rouxinol

Chegamos com alegria  
E prazer no coração (bis)  
Chegamos com esta ave  
Que é da nossa estimação

Chegou nosso rouxinol  
Chegou para *vim* brincar (bis)  
Chegou nosso rouxinol  
Neste palco sem rival

## Cruzador Tupi

Segundo Ferreira, essa dança, supostamente oriunda do Maranhão, foi introduzida na comunidade de Alter do Chão em 1950, por um senhor chamado Firmino, mais conhecido como Firmo.

Cruzador Tupi é o nome de uma barca que faz um percurso de Belém até o Maranhão; na viagem ocorrem várias atribuições e incidentes... Um dos casos é a traição de um imediato querendo assumir o comando da embarcação. Inicialmente ocorre um problema na caldeira; logo após quebra a haste do leme, ficando o barco sem direção. Após investigações, o comandante manda prender o imediato, e este, em vingança tenta incendiar o barco. A cena termina com a conciliação entre as partes, depois de serem resolvidos os problemas (FERREIRA, 2008, p. 114).

Ainda segundo o autor, a dança era realizada por 26 homens organizados em duas filas. No centro da cena, ficava um barco de um metro e meio de comprimento, iluminado por velas. Trajando roupa branca de marinheiro, ostentando suíças (costeletas) no cabelo e uma espada na mão, os dançantes dramatizavam os incidentes da viagem ao longo de aproximadamente 15 músicas, cantadas pelos próprios brincantes. Cada qual tinha em cena um papel: capitão, carvoeiro, marujos.

Ferreira registra que as apresentações do Cruzador Tupi ocorreram nas festas juninas de Alter do Chão em 1950, 1965 e 1966, e na Feira da Cultura Popular, em Santarém, em 1969. Passou a ser realizada no Sairé em 1976. Quando os homens pararam de praticá-la, na década de 1980, as mulheres “resgataram” a brincadeira. Deixou de ser apresentada em 1998.

Pelo seu caráter teatral, o Cruzador Tupi era considerado pelos praticantes mais como

uma brincadeira ou uma comédia dançada, ou ainda, nos termos de Mário de Andrade (1959), uma dança dramática.

#### Cruzador Tupi (do Rio Grande do Norte)

Do Rio Grande do Norte  
Do Rio Grande ao Pará  
Que os mares não têm senhores (bis)  
Que os mares não têm senhores  
Que o marujo é o rei do mar  
  
Leva arriba marinheiros  
Cada qual em seu lugar  
É que o vento enche a vela (bis)  
O nosso brigue corta o mar

#### Cruzador Tupi (depressa, marujo)

Depressa, depressa, marujo  
Depressa para navegar  
Que o vento enche a vela  
Nosso brigue corta o mar  
  
Leva arriba, *todos* marinheiros  
Cada qual em seu lugar  
Que o vento enche a vela  
Nosso brigue corta o mar

#### Cruzador Tupi (chegamos, companheiros)

E chegamos, companheiros  
Neste porto nacional  
Que viagem tão penosa (bis)  
Lá *das* plaga oriental  
Os marujos brasileiros  
Têm coragem, têm valor  
É o primeiro (bis)  
Quando enfrenta o oceano  
Em seu furor



## Curimbó

*Roda de Curimbó.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*

O termo curimbó pode ser usado como sinônimo de tambor e atabaque, mas, conforme o dicionário Aulete, também se aplica a “certa árvore da Amazônia”. Em Alter do Chão, ele designa um ritmo musical e uma dança. Segundo Lima,

o termo carimbó vem de “curimbó”, espécie de tambor feito de troncos de árvores que, de modo tradicional, servia para desenvolver a dança indígena de origem tupinambá — em ritmo monótono e triste. Com a chegada dos escravos ao Brasil, a dança e a música foram por eles absorvidas e alteradas significativamente imprimindo ritmos africanos (bataque) ao carimbó (LIMA, 2013, p. 118-119).

Algumas pessoas tratam curimbó e carimbó como expressões similares, mas os brincantes e moradores da vila de Alter de Chão fazem questão de frisar que se trata de duas danças distintas. Segundo Dona Terezinha Lobato, “o curimbó é dança de puxirum [...] que era dançada quando as pessoas vinham dos roçados; depois de beberem tarubá, começaram a inventar

os passos do curimbó” (Entrevista INRC-Sairé, concedida em 20/11/2012). Talvez por isso, alguns o chamem também de “roceiro”.

Na época referida por Dona Terezinha, dançava-se curimbó com qualquer roupa, mas depois da introdução do ritmo em eventos folclóricos, as mulheres passaram a usar o saião (saia longa) com estampa florida, e os homens adotaram calça branca, camisa de botão com estampa florida e chapéu de palha. Atualmente, o curimbó é dançado por idosos e turmas de escolas de Alter do Chão, e é apresentado principalmente na programação da festa do Sairé. Na vila existe ainda o Movimento Roda de Curimbó, formado por um grupo de músicos locais, alguns dos quais participam também do grupo Espanta Cão.

*Desfeiteira.*  
Foto: Carlos Matos, 2012

## Dança do tipiti

A dança do tipiti tem origem nas danças de trabalho. Em Alter do Chão, suas apresentações se realizavam ao som de quadrilha e consistiam em um bailado que os dançarinos executavam ao redor de um mastro de cujo topo pendiam fitas coloridas. Cada dançarino segurava a ponta de uma das fitas e, em movimento circular, iam trançando-as e destrançando-as no mastro. O movimento e o efeito das fitas trançadas aludem ao tecido de um tipiti — objeto cilíndrico de palha, usado para espremer a massa da mandioca e extrair o tucupi (líquido da raiz).

## Desfeiteira

A desfeiteira é uma dança tradicional muito associada às festividades do catolicismo popular em várias localidades da Amazônia, praticada em momentos de júbilo e descontração. Câmara Cascudo, no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, registra-a como uma dança humorística:



Os pares dançantes são obrigados a passar diante da música, violão, flauta, caquinho, às vezes trombone. Num dado momento, para a música, e o cavalheiro que estiver dançando diante dos músicos é obrigado a cantar um verso, uma quadrinha. Se errar, gaguejar, atrapalhar-se, receberá uma vaia e pagará uma prenda, ficando assim desfeito. Não há dança especial e os versos são comuns (CASCUDO, 2000, p. 350).

Em Alter do Chão, ela é realizada no encerramento da festa do Sairé. Os casais dançam, circulando pelo salão do barracão. Quando a música é interrompida, o casal que estiver diante do conjunto musical tem de “colocar” um verso de improvisado em estilo de desafio. De acordo com um festeiro, “a dama coloca o verso dela e o seu cavalheiro tem que responder se desfazendo dela, ou seja, fazendo desfeita. Se a dama chama no seu verso ele de bonito, ele tem que chamá-la de feia no verso dele, mas os dois versos devem rimar”.

A mulher e a galinha  
São dois *bicho* interesseiros  
A mulher e a galinha  
São dois *bicho* interesseiros  
A galinha pelo milho  
E a mulher pelo dinheiro  
A galinha pelo milho  
E a mulher pelo dinheiro

Deus quando fez o homem  
Fez com tanta *ceremônia*  
Deus quando fez o homem  
Fez com tanta *ceremônia*  
O corpo de palhaço  
E a cara sem vergonha  
O corpo de palhaço  
E a cara sem vergonha

A lua vem surgindo  
Por detrás da *nuv'escura*  
A lua vem surgindo  
Por trás da *nuv'escura*  
A mulher com que eu danço



Tem a cara de mucura  
A mulher com que eu danço  
Tem a cara de mucura

Tocador que está tocando  
*Tufa* a veia do pescoço  
Parece cachorro velho  
Quando está roendo o osso  
Parece cachorro velho  
Quando está roendo o osso

## Lundu

Cascudo (2000, p. 524) define lundu como “dança e canto de origem africana, trazido pelos escravos bantos, especialmente de Angola, para o Brasil”. Aqui teria absorvido características das danças ibéricas, como o estalar de dedos e a melodia, mantendo-se a base rítmica africana.

Conhecido também como lundum ou landu, o lundu popularizou-se no estado do Pará pela sensualidade característica de sua coreografia, na qual o par de dançarinos dramatiza a conquista sexual. Até hoje é bailado em festas populares na capital e em regiões do interior. Em Alter do Chão, os responsáveis pelas apresentações de lundu são grupos escolares e de idosos, ao som de música instrumental. Os casais executam uma dança mais lenta, arrastando o pé, formando um semicírculo no qual cada par, após dançar no centro, volta ao seu lugar. Ao final, dançam todos juntos.

*Desfeiteira.*  
Foto: Carlos Matos, 2012

## Marabaixo

Dança de origem africana que foi introduzida nas apresentações folclóricas da festa do Sairé a partir de 1973, sendo praticada no encerramento da festa, juntamente com a cecuiara. Na Amazônia ela é mais conhecida no estado do Amapá, principalmente em Mazagão Velho, onde remete à ocupação negra a partir do século XVIII. Lá está relacionada à celebração do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade, misturando símbolos e rituais de origem diversa: pomba, coroa, mastros e toques de caixas.

## Marambiré

O marambiré é uma dança de origem africana, que se disseminou em algumas localidades do Baixo Amazonas. De acordo com Ferreira (2008), o marambiré foi introduzido em Alter do Chão por moradores oriundos da comunidade quilombola do Pacoval, situada no município de Alenquer, onde era praticado em homenagem a São Benedito. Passou a fazer parte da programação da festa do Sairé a partir de 1973, porém, desprovido de sentido religioso e de personagens tradicionais como o rei e a rainha negros que representam a coroação do rei do Congo.

As apresentações do marambiré em Alter do Chão são acompanhadas da respectiva música, cuja melodia foi criada em 1927 pelo santareno Luciano Lopes dos Santos em homenagem ao Sairé, e que tem letra elaborada por Ademar Lobato, Ademir Ferreira e Terezinha Lobato, especialmente “para a retomada da festa”.

Em Alter do Chão  
Não se sente dor  
Tem um povo pobre (bis)  
Mas acolhedor

Por Deus *foi criado*  
A sua beleza  
Suas lindas praias (bis)  
São da natureza

O seu lago verde  
É de admirar  
A toda essa gente (bis)  
Que vem visitar

Por Deus *foi criado*  
A sua beleza  
Suas lindas praias (bis)  
São da natureza

Peixes saborosos  
Para apreciar  
Nessas lindas praias (bis)  
Em noite de luar

Por Deus *foi criado*  
A sua beleza  
Suas lindas praias (bis)  
São da natureza

nhada pelas barracas da praça, a qual é animada pela ingestão de tarubá. A quebra-macaxeira celebra a comunhão, já que qualquer participante pode se juntar ao cortejo, cantar, dançar e beber à vontade.

Quebra, quebra, quebra, quebra  
macaxeira

Quebra, quebra, quebra, quebra  
macaxeira

Cheira cravo, cheira rosa, cheira flor  
de laranjeira

Cheira cravo, cheira rosa, cheira flor  
de laranjeira

Aurora Maria, Maria levou

Aurora Maria, Maria levou

Brinquinho da princesa, Maria levou

Brinquinho da princesa, Maria levou

Quebra, quebra, quebra, quebra  
macaxeira

Quebra, quebra, quebra, quebra  
macaxeira

Cheira cravo, cheira rosa, cheira flor  
de laranjeira

Cheira cravo, cheira rosa, cheira flor  
de laranjeira

Aurora Maria, Maria levou

Aurora Maria, Maria levou

## Quebra-macaxeira

Como a desfeiteira, essa dança também é realizada no encerramento da festa do Sairé, quando os presentes saem cantando em cami-

Brinquinho da princesa, Maria levou  
Brinquinho da princesa, Maria levou

Quebra, quebra, quebra, quebra  
macaxeira

Quebra, quebra, quebra, quebra  
macaxeira

Cheira cravo, cheira rosa, cheira flor  
de laranjeira

Cheira cravo, cheira rosa, cheira flor  
de laranjeira

Aurora Maria, Maria levou

Aurora Maria, Maria levou

Brinquinho da princesa, Maria levou

Brinquinho da princesa, Maria levou

Maria levou, Maria levou, Maria levou,

Maria levou

## Valsa da ponta do lenço

Essa dança de par foi criada por um grupo de senhoras de Alter do Chão, na década de 1970, a fim de promover apresentações nas festas juninas. Ao som de música instrumental, preferencialmente uma valsa antiga, os dançarinos portavam, cada um, um lenço amarrado no dedo, cuja cor deveria acompanhar a do vestido das damas.

*Quebra-macaxeira.  
Foto: Carlos Matos, 2012*



# Festival dos Botos Tucuxi e Cor-de-Rosa

**O**s botos Tucuxi e Cor-de-Rosa, cada qual com cerca de 700 componentes, produzem anualmente o grande espetáculo de música, dança e drama que se integrou ao calendário do Sairé desde 1997. Nessa época, os festejos foram transferidos da praça 7 de Setembro (praça da igreja) para a praça do Sairé, e a data da tradicional celebração da vila foi alterada de julho para setembro, quando a temporada de seca revela as belas praias de Alter do Chão.

O espetáculo, inicialmente realizado por um único grupo que se cindiu, tomou a forma de uma disputa festiva a partir de 1999, em um espetáculo de arena a exemplo do que é realizado pelos bois Caprichoso e Garantido em Parintins (AM). Desde então, é no Lago dos Botos, com capacidade para cerca de 6 mil pessoas, que os botos Tucuxi e Cor-de-Rosa se apresentam em duas noites de festa. Na segunda noite são

observados por jurados que, ao longo de duas horas de exibição, lhes dão notas relativas a 16 quesitos avaliados na disputa.

A participação dos moradores de Alter do Chão e proximidades nos grupos de botos é significativa. No centro do espetáculo há muitos jovens, ao contrário do que ocorre nos ritos de caráter devocional do Sairé, o que incomoda os mais velhos. Da mesma forma, estes se ressentem da maior atenção publicitária e do maior investimento financeiro dispensado pelo próprio poder público ao Festival dos Botos, em detrimento do que chamam de “parte religiosa” do Sairé — a “verdadeira tradição” da festa de Alter do Chão, conforme eles entendem os ritos realizados no barracão e em torno do mastro.

*Curandeiro do  
Boto Tucuxi.  
Foto: Carlos Bandeira  
Júnior, 2012*



Nessa perspectiva, os botos são vistos e referidos como a “parte profana” da festa. A propósito, essa última parte também é composta de atrações musicais locais, regionais e nacionais, que se apresentam por último nas noites de festa, dentro do Lago dos Botos.

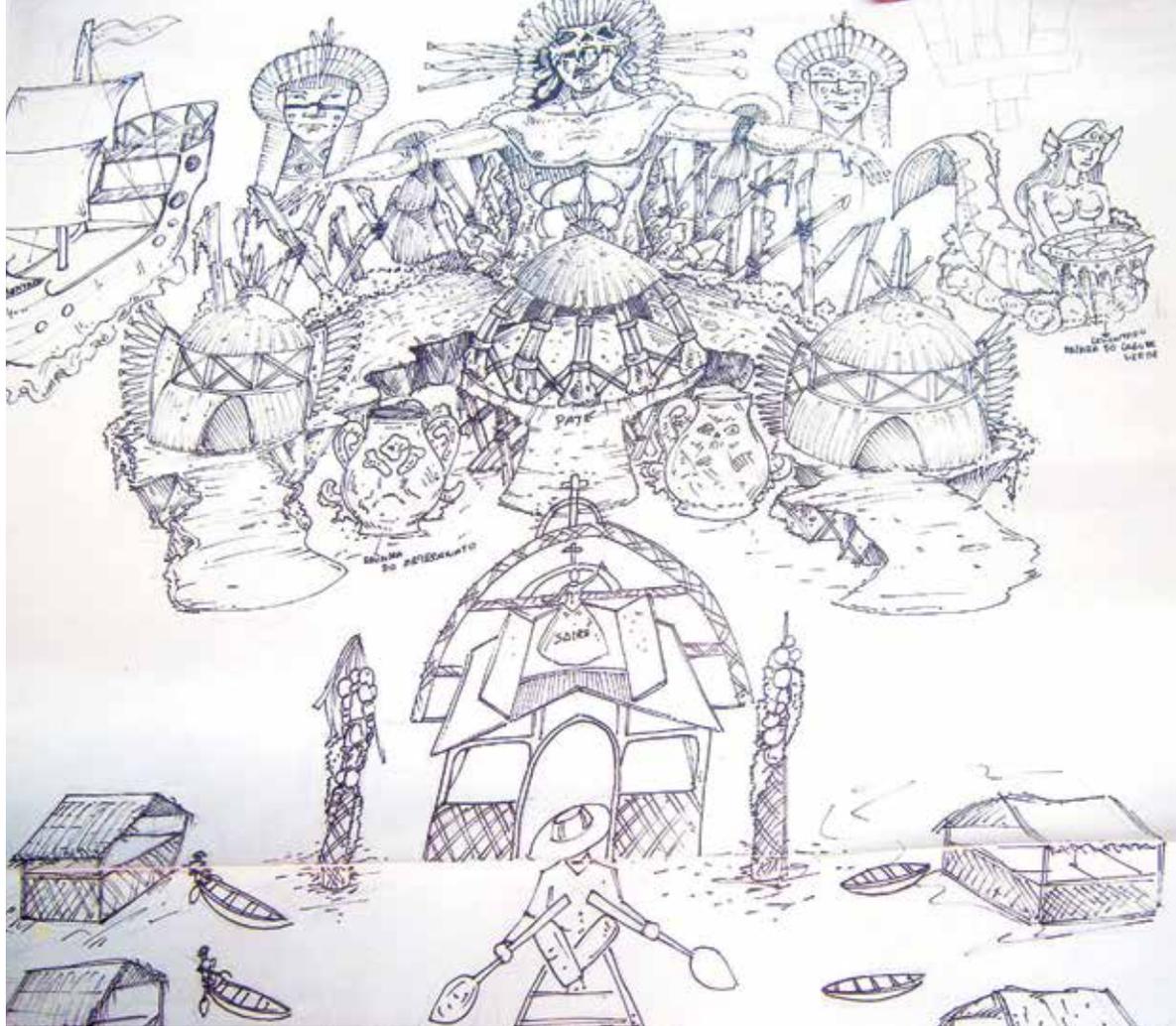
Não raramente há divergências entre alguns realizadores da chamada “parte religiosa” e os da “parte profana”. Os primeiros alegam que a realização do Festival dos Botos e dos shows musicais nos mesmos dias da festa do Sairé atrapalham ritos importantes como a Alvorada, pois as apresentações invadem a madrugada e, no amanhecer — hora da Alvorada — ainda há barulho e pessoas alcoolizadas transitando pela praça do Sairé. Denunciam, ainda, que o festival consome o máximo de recursos, deixando aos moradores muitas despesas para realização da festa. Por esses motivos, alguns organizadores da celebração têm defendido que a festa “religiosa” e o festival passem a ser feitos em datas distintas.

Tais queixas e proposta não encontram aceitação em todos os grupos que contribuem para a realização da Festa do Sairé, tal como ela se constitui atualmente. Alguns festeiros defendem que a separação dos eventos terminará por enfraquecer a festa como um todo, em vez de fortalecer os “ritos religiosos”, já que eles próprios teriam se tornado mais conhecidos e frequentados com a intensificação da publicidade sobre a festa, após o ingresso dos botos na programação. Outros alegam que um bom

acordo envolvendo as instâncias organizadoras da “festa religiosa”, do Festival dos Botos e dos shows, e a prefeitura de Santarém poderia pôr fim aos problemas hoje vivenciados. A propósito, deve-se deixar claro que há muitos festeiros que participam tanto da organização dos ritos no barracão quanto do Festival dos Botos.

Além de movimentar o turismo e a economia local, e de atrair patrocínios, o Festival dos Botos envolve um contingente considerável de trabalhadores. Em cada boto, são vários os colaboradores que não chegam a aparecer no espetáculo propriamente dito. Ficam nos bastidores serralheiros, soldadores, pintores, carpinteiros, costureiras, aderecistas, artistas plásticos e outros artesãos especializados, além dos próprios organizadores do festival. Entre eles há pessoas naturais de Alter do Chão, mas muitos profissionais vêm de fora da vila exclusivamente para trabalhar na confecção das alegorias das agremiações dos botos, que inovam anualmente na visualidade, nos movimentos e nos efeitos especiais.

Boa parte desses artesãos trabalha em um circuito de festas que inclui os carnavais de Rio de Janeiro e São Paulo; o boi-bumbá de Parintins (AM) — que é considerado o maior festival folclórico do norte do Brasil e, sem dúvida, inspira o modelo de disputa festiva dos botos de Alter do Chão —; o Festival das Tribos, em Juruti (PA) — à semelhança desse modelo — e o Círio de Santo Antônio, em Oriximiná — município do oeste do Pará que realiza o festejo de seu padroeiro em uma grande embarcação repleta de alegorias.



*Ilustração do enredo  
do Boto Cor-de-Rosa.  
Foto: Diane Cardoso, 2012*

Os bastidores da festa correspondem, atualmente, a dois galpões inaugurados em 2014, cada qual destinado a um dos botos. Os galpões ficam no bairro Nova União, próximo à praça do Sairé, em um terreno de cerca de 5.000 m<sup>2</sup> cercado com portões de ferro. Cada galpão tem 1.700 m<sup>2</sup> de área, cobertura metálica, refeitório, cozinha, banheiros masculino e feminino e espaço para bar.

O governo do estado do Pará foi o responsável pela construção dos espaços, reconhecendo a importância do Sairé no calendário festivo da região e a necessidade de melhor infraestrutura para a produção da festa. A construção desses galpões foi comemorada pela comunidade local que durante muitos anos, conduziu essa reivindicação. Sem eles, as agremiações dos botos Tucuxi e Cor-de-Rosa produziam suas alegorias a céu aberto, sem condições adequadas de segurança para os trabalhadores e sem espaços próprios para conservar o resultado do trabalho de tantos profissionais até a data do festival.

## Os quesitos em julgamento

Um ritual de disputa festiva toma conta do Lago dos Botos na praça do Sairé. Uma por vez por ano, o local se transforma em uma arena em que as agremiações se enfrentam para obter o título de campeã do festival, esforçando-se para empolgar os espectadores e conquistar as melhores notas dos jurados. As apresentações devem seguir um enredo com temática própria e renovável anualmente, desde que seja alusiva a tradições, crenças e costumes locais, entre as quais a narrativa mítica conhecida como lenda do boto. Segundo a crença local, o boto.

tem poder para se transformar em homem e seduzir as mulheres ou, no caso de ser uma fêmea, se transformar em mulher e seduzir os homens. Durante as noites, ele passeia e assobia nas *comunidades* e aldeias ribeirinhas. Nas festas, tomando até a feição de alguém do lugar, ele se mistura entre os humanos e se diverte. Mas os Botos são temidos pelo seu poder sedutor

e ao mesmo tempo maligno<sup>1</sup> (VAZ FILHO, 2013, p. 28).

Cada grupo tem até duas horas para evoluir na arena e mostrar seu desempenho em quesitos como:

<sup>1</sup> Apesar do caráter lúdico que a narrativa mítica adquire no festival, o trabalho de Vaz Filho mostra que “longe do que dizem as piadas e lendas sobre o ‘boto emprenhador’, esse mito não é nada romântico, ao menos no Baixo Amazonas. As mulheres da região têm muito medo dos ataques do Boto, porque se forem suas vítimas, a história não acabará bem. Elas ficam *malucas* (querendo correr e se jogar no rio), doentes, magras e podem até morrer. A solução é chamar um poderoso *curador* ou *pajé*. Nestas *comunidades* ribeirinhas não procede a versão de que as mulheres se aproveitam da fama do Boto para enganar os parentes e vizinhos, quando se descobrem grávidas de um rapaz, dizendo ‘foi Boto’. Os mais velhos contam que já aconteceu que mulheres tiveram *filho de Boto*, mas era uma criatura estranha, medonha, não humana ou era até um *botinho*, que teve que ser jogado n’água logo após o nascimento. E, mesmo assim, a mãe dessa criatura sofreu muito para se livrar das perseguições do Boto” (VAZ FILHO, 2013, p. 28-29, grifos do autor).

Rainha do Sairé do  
Boto Cor-de-Rosa.

Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012





*Boto Animal Evolução  
do Boto do Tucuxi.  
Foto: Carlos Bandeira Júnior,  
2012*

*Rainha do Sairé* — a personagem representa a saraipora e é avaliada pela indumentária, pela simpatia demonstrada em cena e por sua evolução no bailado.

*Cantador* — corresponde à avaliação das competências vocais do puxador das músicas que compõem o enredo da apresentação.

*Boto Animal Evolução* — o rapaz que personifica o boto animal deve representar o mais fielmente possível em sua coreografia os movimentos desse cetáceo quando nada.

*Apresentador* — refere-se à desenvoltura oral e cênica do personagem responsável por apresentar o grupo e o enredo do espetáculo aos espectadores.



*(À esquerda) Cabocla Borari do Boto do Tucuxi.*

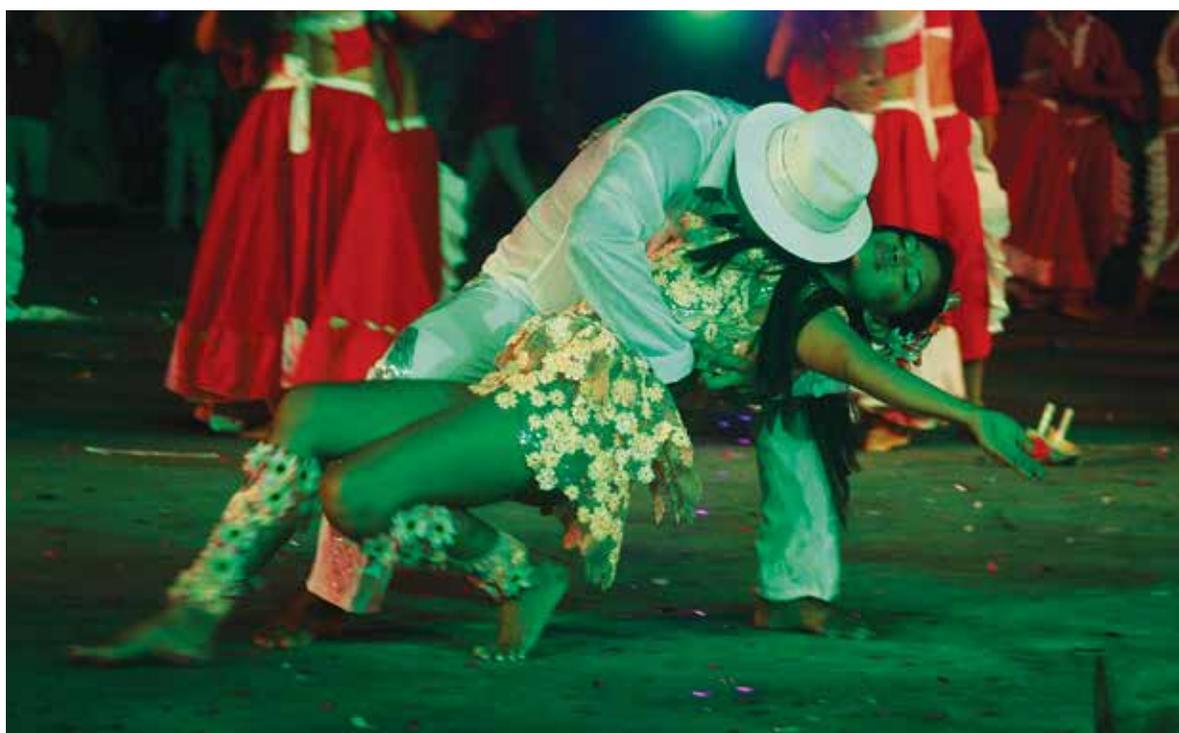
*Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012*

*(Embaixo) Sedução do Boto Cor-de-Rosa.*

*Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012*

*Cabocla Borari* — personagem desempenhada por belas jovens, que contracenam com o boto, dramatizando a lenda segundo a qual esse encantado seduz a mulher. Avaliam-se sua evolução, indumentária, coreografia e competência dramática na representação da sedução pelo boto.

*Sedução* — é um dos pontos altos da apresentação, quando a performance da Cabocla Borari e do Boto Homem revela o momento em que a mulher sucumbe ao encanto do boto e é sexualmente conquistada por ele.



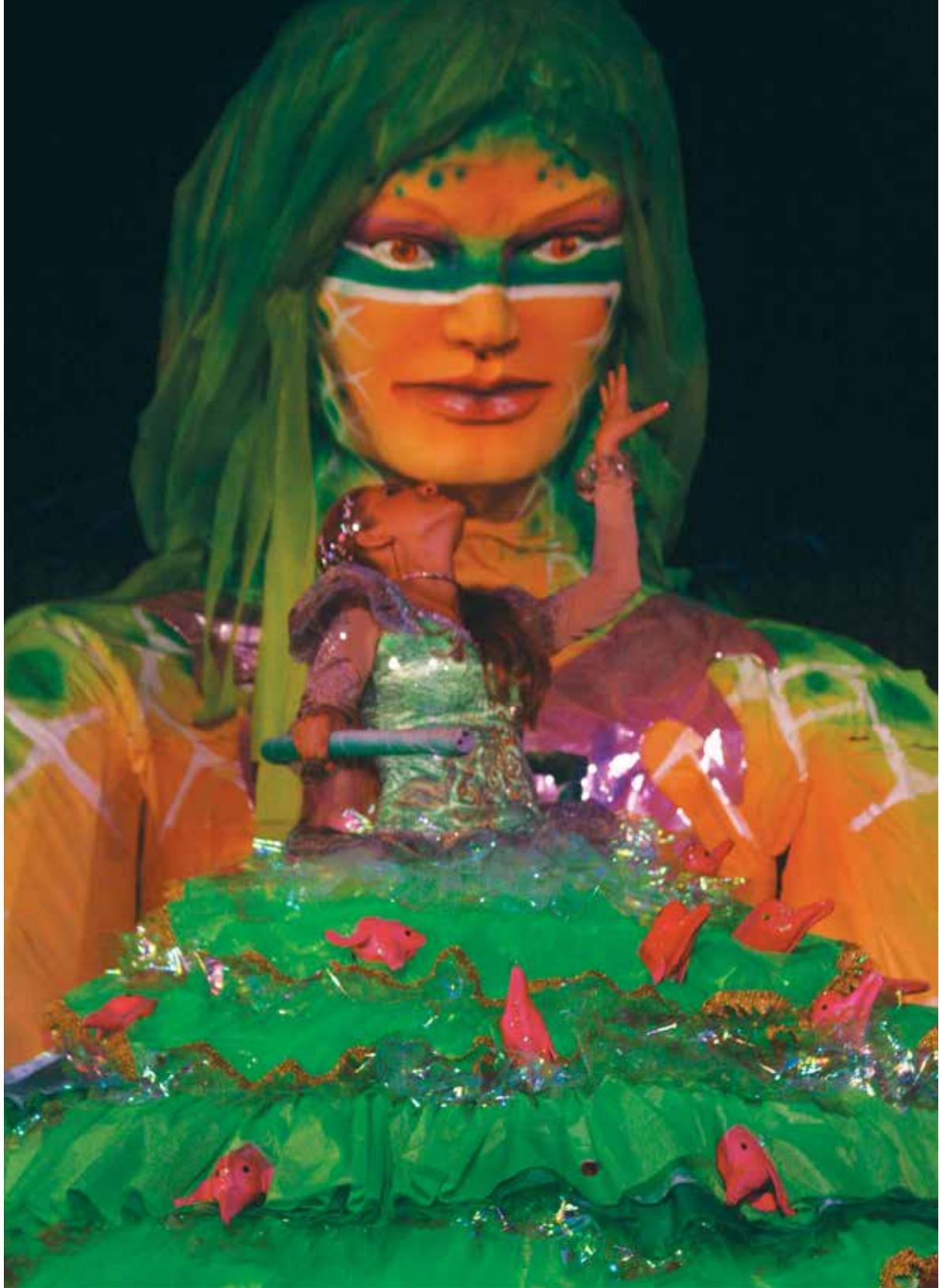


*Boto Homem Encantador* — o espetáculo encena o momento em que o boto animal se transforma em humano, entrando em ação esse personagem que vai contracenar com a Cabocla Borari até seduzi-la.

*Rainha do Artesanato* — personagem representativo da diversidade da cultura local. Sua indumentária, artesanalmente confeccionada com materiais nativos, é um dos principais itens de julgamento nesse quesito.



(No alto) Rainha do Artesanato do Boto Tucuxi.  
Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012  
(À direita) Boto Homem Encantador do Boto Tucuxi.  
Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012



*Rainha do Lago Verde* — representa entidade protetora das águas. Sua indumentária, ornamentada com representações de cenas e animais lacustres, é um dos principais elementos julgados nesse quesito.

(No alto) *Rainha do Lago Verde do Boto Cor-de-Rosa*.  
Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012  
(À direita) *Curandeiro do Boto Cor-de-Rosa*.  
Foto: Carlos Bandeira Júnior, 2012

*Curandeiro* — personagem humano e fantástico ao mesmo tempo, perfaz a ligação entre os mundos dos homens e das divindades, e sua fantasia deve ser capaz de representar sua dupla natureza. Um de seus dons é a

cura, que está relacionada ao poder de transitar entre a vida e a morte e ressuscitar os mortos em batalha. Seu dom é ritualmente encenado na apresentação.





*Carimbó* — dança executada por carimboleiros que integram grupos ligados aos botos, os quais são avaliados em relação à coreografia, à indumentária e à evolução.

*Carimbó do Boto  
Cor-de-Rosa.  
Foto: Carlos Bandeira  
Júnior, 2012*



*Alegoria do Boto Tucuxi.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*

*Alegorias* — absorvem grande parte dos investimentos das agremiações. Devem surpreender o público nas apresentações e, por isso, frequentemente são mantidas tanto quanto possível em segredo antes do espetáculo. Cores, luzes, movimentos e efeitos especiais contribuem para o sucesso das alegorias, mas elas também precisam ser funcionais e seguras, a fim de evitar atrasos e acidentes nas apresentações.



*Organização do conjunto folclórico* — esse quesito refere-se à disposição harmônica dos personagens, carimboleiros e pessoal de apoio dentro da arena.

*Letra e música* — considerando o enredo e a temática da apresentação, esse quesito avalia a beleza e a coerência das composições executadas.

*Ritual* — um ritual tribal representa, geralmente, uma situação de dificuldade ou conflito enfrentada pelos indígenas borari, que recorrem ao curandeiro, o protetor capaz de livrar a tribo de guerras e doenças.

*Alegoria do Boto Cor-de-Rosa.*  
*Foto: Alexandre Rocha, 2012.*

*Torcida* — separadas nas arquibancadas do Lago dos Botos conforme sua agremiação de predileção, as torcidas devem ajudar seu grupo na conquista do campeonato. Para tanto, devem lançar mão de muita empolgação e criatividade

nas formas de expressar apoio ao boto, com palavras, gritos e gestos que não desrespeitem o grupo oponente.

Para avaliar todos esses itens, os jurados são escolhidos em comum acordo entre os organizadores do festival e os representantes dos botos Tucuxi e Cor-de-Rosa, e devem ser pessoas idôneas sem vínculos com os grupos ou com a comunidade local, mas detentores de conhecimentos sobre cultura popular. Eles assistem às apresentações em separado do

público e da imprensa que faz a cobertura do evento, e devem atribuir notas de 7 a 10 para cada quesito.

Motivados pela disputa festiva, os botos surpreendem a cada ano, trazendo inovações em alegorias, fantasias, personagens e danças regionais para a disputa na arena. Fora dela, integrantes de agremiações opostas rivalizam por meios de sátiras, versos e adjetivos pejorativos, além de se tratarem por expressões como “boto avesso”, “adversário”, “rival” e outras, a fim de evitarem pronunciar o nome do outro grupo. À exceção de alguns momentos de tensão, como na apuração das notas, realizada na segunda-feira em que termina a festa do Sairé, até mesmo essa rivalidade é uma forma de celebrar o pertencimento e a identidade local.

*Torcida do Boto Cor-de-Rosa.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*

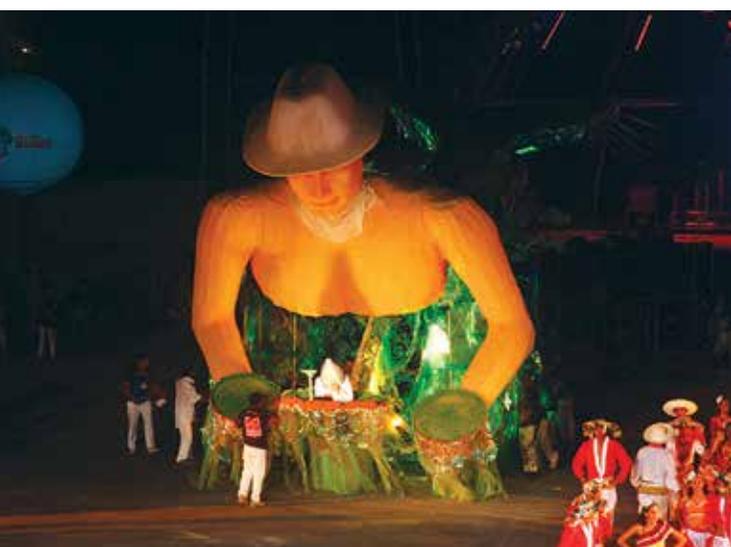


# Considerações finais

**E**m sua configuração contemporânea, a festa do Sairé de Alter do Chão é concebida como uma expressão singular da possibilidade de coexistência do sagrado com o profano. Entretanto, essa composição não se mantém sem tensões. Muitos moradores e festeiros comemoram lamentações e nostalgia da festa “como ela era antes” (dos botos). É comum ouvir da gente local que “está tudo morrendo”. Nesse contexto, o discurso predominante aponta a preocupação de que a festa acabe, portanto, sugerindo

do ser necessário que se façam estudos e ações de difusão das tradições.

O temor atual de desaparecimento do Sairé pode ser relativizado se o compararmos com processos por que têm passado diversas expressões populares e com aqueles que a própria festa de Alter do Chão trilhou ao longo de séculos. Vistas por muitos como “em vias de desaparecimento” e ameaçadas pelo “risco da perda”, essas expressões se reinventam, sugerindo o caráter mais dinâmico que essencial da cultura. Isso, porém, não deve ocultar os embates simbólicos e políticos entre as diferentes concepções, expectativas e formas de festejar defendidas pelos diversos grupos que as produzem.



(À esquerda)  
Apresentação  
do Boto Tucuxi.  
Foto: Carlos Bandeira  
Júnior, 2012  
(À direita) Bandeira  
do Divino.  
Foto: Claudia Seixas,  
2011



Envolvidos com estratégias de continuidade da festa do Sairé de Alter do Chão, alguns grupos locais têm aventado a possibilidade de o Sairé vir a ser registrado como patrimônio cultural. Suas propostas baseiam-se, de modo geral, na demonstrada capacidade de permanência da celebração, bem como na ideia de que ela se pauta na articulação, em múltiplos planos, de elementos do que se tem chamado de catolicismo popular e de tradições locais vistas como autenticamente indígenas. Nesse sentido, o discurso patrimonial em torno do Sairé se assemelha a propostas semelhantes que se aplicam a várias festas vistas pelo Brasil afora.

No plano político regional, porém, cabe frisar a capacidade que a festa do Sairé

de Alter do Chão tem demonstrado no sentido de singularizar uma comunidade que compartilha memórias, sentimentos de pertencimento e ritos de identificação étnica. Acrescente-se que, nos últimos anos, os discursos patrimoniais locais se têm associado, cada vez mais, aos movimentos de autodeterminação do povo indígena Borari e de luta por direitos específicos.

Ainda no plano festivo, é evidente que o Sairé apresenta formas de celebração e

*Grupo musical  
infantojuvenil.  
Foto: Carlos Matos, 2012*





*Derrubação dos mastros.  
Foto: Carlos Matos, 2012*

expressão oral, musical e coreográfica integrantes da memória e da produção cultural regional. Apresenta também variações e inovações produzidas em séculos de existência. É notório que a festa permaneceu ao mesmo tem-

po que passou por inúmeras transformações. Nesse contexto, atribui-se sua permanência a essa capacidade de mudar para atender a novos gostos, sem tirar do foco as tradições mais caras aos seus realizadores. Assim, seu valor cultural e patrimonial tem sido afirmado e reafirmado como referência da comunidade de Alter do Chão.

# Referências

ANDRADE, Mário de. *Danças dramáticas do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

BATES, Henry Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

BOYER, Véronique. *Fronteiras da nação: religião, política e ancestralidade*. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, 1-4 jun. 2008.

BELTRÃO, Jane Felipe. Pertencas, territórios e fronteiras entre os povos indígenas dos rios Tapajós e Arapiuns *versus* o Estado brasileiro. *Antares: Letras e Humanidades*, v. 5, n°10, jul-dez 2013.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Festas religiosas e populares na Amazônia: algumas considerações sobre cultura popular. In: BRAGA, Sergio I. G. (Org.). *Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007.

BRASIL. *Constituição Federal*, 1988.

CÂNDIDO, Antônio. *Cururu*. Disponível em: <[www.iel.unicamp.br/revista](http://www.iel.unicamp.br/revista)>. Acesso em: 10 março 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Ediouro, 2000.

COSTA, Maria Augusta Freitas. Turismo e patrimônio cultural: a Festa do Sairé em tempos de mudança cultural. In: CARVALHO, Luciana (Org.). *Patrimônio cultural e direitos culturais na Amazônia: experiências de pesquisa e gestão*. Santarém: Ufopa, 2013.

DIAS, João Aluízio Piranha. *Educação colonial na Amazônia: a pedagogia dos jesuítas e invenção do Sairé*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2014.

FERREIRA, Edilberto. *O berço do Çairé*. Santarém: Editora Valer, 2008.

FERREIRA, Gicele Brito. *A resignificação das relações comunitárias e a produção simbólica na mercantilização do Çairé*. Dissertação (Mestrado) – Centro Socioeconômico, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1976.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. *Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção tapajônica MAE-USP*. São Paulo: Edusp; Fapesp; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC-Iphan, 2002.

- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LEITE, Emanuel Júlio. *Turistificando um caminho da Amazônia*. São Paulo: Ícone, 2001.
- LIMA, Nair Santos. *A travessia do Sairé: estudos para o desenvolvimento de um olhar ecossistêmico e semiótico da comunicação*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- NOGUEIRA, Wilson. *Festas amazônicas: boi-bumbá, ciranda e sairé*. Manaus: Editora Valer, 2008.
- PACHECO, Agenor Sarraf. Encantarias afroindígenas na Amazônia marajoara: narrativas, práticas de cura e (in) tolerâncias religiosas. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p. 88-108, abr.-jun. 2010.
- PEREIRA, Nunes. *O Sairé e o Marabaixo: tradições da Amazônia*. Recife: FUNDAJ; Massangana, 1989.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM. *Área de Proteção Ambiental – APA Alter-do-Chão*. Disponível em: <[www.santarem.pa.gov.br/conteudo/?item=89&fa=6&cd=20&cod\\_tema=3](http://www.santarem.pa.gov.br/conteudo/?item=89&fa=6&cd=20&cod_tema=3)<[www.iel.unicamp.br/revista](http://www.iel.unicamp.br/revista)>. Acesso em: 5/3/2016.
- RÊGO, Jackson Fernando. *Enraizamento cultural e o ecoturismo na Amazônia: o caso da vila de Alter do Chão*. Tese (Doutorado) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2003.
- REIS, Arthur C. Ferreira. *Santarém: seu desenvolvimento histórico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- RODRIGUES, Carmem Izabel. Festividades mestiças na Amazônia. *História Revista*, v. 14, n. 1, 2009.
- RODRIGUES, Gilberto César Lopes. Educação escolar indígena no contexto do neoliberalismo: conquista dos povos indígenas ou favorecimento da acumulação do capital?. *Revista Nanduty*, v. 3, n. 3, jan.-jun. 2015.
- RODRIGUES, João Barbosa. *Poranduba amazonense, ou kochiyma-uara porandub, 1872-1887*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1890. Disponível em: [http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues\\_1890\\_poranduba](http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_1890_poranduba).
- SANTOS, Paulo Rodrigues dos. *Tupaiulândia*. Santarém: Tiagão, 1999.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOFÍSICA. *Boletim da Sociedade Brasileira de Geofísica*, nº 4, 2010.
- TENÓRIO, Salete Cardoso. *A festa do sairé de Alter do Chão: transformações e permanência no cenário do turismo e da patrimonialização*. Monografia (Especialização) Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Políticas Públicas, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2012.
- VAZ FILHO, Florêncio Almeida. Introdução. In: VAZ FILHO, Florêncio Almeida; CARVALHO, Luciana Gonçalves de Carvalho (Ed.). *Isso tudo é encantado*. Santarém: Ufopa, 2013.



*Detalhe do símbolo do Sairé.  
Foto: Claudia Seixas, 2011*

O miolo deste livro foi impresso em couchê matte 120g e a capa em duo design 350g. Os textos foram compostos em Palatino corpo 10,5/19. Títulos, legendas e a numeração das páginas em Myriad Pro. Tiragem de 1.000 exemplares.